

Capítulo III

QUAIS SÃO OS “EPISTEMAS-PARADIGMAS PRIMORDIAIS” DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO?

**Genealogia, Ontologia, Cânone, Código Genético
e Epistemática-Paradigmática
do Pensamento Contemporâneo**

O “Epistema-Paradigma” Freud: O Acontecimento da Psicanálise

José Martinho

SCHLOMO SIGISMUND (Sigmund) FREUD nasceu no dia 6 de Maio de 1856 em Freiberg, e faleceu no dia 23 de Setembro de 1939, em Londres, ajudado pelo seu amigo Max Schur, o médico que supervisionou trinta e uma das trinta e três cirurgias a que foi submetido em consequência de um tumor maligno descoberto em 1923.

Com Marx e Einstein, Freud foi provavelmente o «pensador» que maior influência exerceu sobre o século XX. O seu nome é inseparável da psicanálise. Esta surgiu em Viena por volta de 1900. Depois de um início algo atribulado, deu a volta ao mundo e acabou por se tornar a mais estável das grandes referências teóricas contemporâneas.

Várias linhas de força foram já desenhadas para tentar descrever a elaboração colectiva, a acumulação e os arranjos específicos de conhecimentos que viabilizaram a emergência da psicanálise como «epistema-paradigma» da Modernidade¹.

¹Doutor em Psicologia, Presidente da Antena do Campo Freudiano, Professor na Faculdade de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e Director de *Afreudite – Revista Lusófona de Psicanálise*.

¹Mergulhando num passado bem anterior aos Tempos Modernos inaugurados por Galileu e Descartes, uma destas linhas é aquela que parte dos mitos, ritos e purgas dos povos primitivos, prossegue pela interpretação profética e premonitória dos sonhos, a confissão religiosa do pecado e chega ao discurso psicoterapêutico sobre a verdade do sexo (Krafft-Ebing, Albert Moll, etc.).

Esta linha cruza-se com uma outra, que começa nas formas políticas e educativas da sociabilização do corpo nas culturas que foram o berço da civilização ocidental, passa pelas relações da força com o direito, e termina no ideal de Liberdade, Igualdade e Fraternidade da Revolução Francesa, ilustrado no caso por Pinel, que ao retirar as correntes aos loucos enclausurados os humaniza.

Mas se existem forçosamente antecedentes históricos da psicanálise, a grande dificuldade consiste sempre em discernir o acontecimento, a atopia do seu discurso, e que tenha emergido por assim dizer do nada, como toda a verdadeira criação.

A psicanálise não brotou espontaneamente da Natureza, e não estava escondida entre as Artes, as Letras e as Ciências à espera que a encontrassem. A psicanálise não foi descoberta, mas inventada, e foi esta invenção que levou Freud às descobertas sensacionais que os psicanalistas redescobrem todos os dias.

O que motivou a criação da psicanálise foi o desejo do seu criador. Este desejo não é psicológico. Ou seja, para entender o desejo de Freud não é muito importante saber que em criança cresceu numa estrutura familiar atípica², que em adulto se transformou num homem puritano que preferiu estudar a experimentar os licenciosos costumes da cidade onde vivia, ou que, por fim, teve um cancro que o tornou pessimista quanto ao futuro.

Se a invenção de Freud excedeu a totalidade dos dados históricos e psicobiográficos foi porque se fundou num intratável amor à verdade³, que subverteu

Outro dos fios importantes desta complexa rede é o filosófico, literário e artístico. Tem o seu início nos fragmentos pré-socráticos (Empédocles), a *Odisseia* de Homero, o *Édipo-Rei* Sófocles e o *Banquete* de Platão, segue pela literatura latina (Virgílio), as pinturas de Luca Signorelli e de Leonardo da Vinci, o *Moisés* de Miguel-Ângelo e as peças de Shakespeare (em particular *Hamlet*), continua pela filosofia crítica de Kant e a visão Romântica do mundo (Schelling), a *Gradiva* de Jensen e os *Irmãos Karamazov* de Dostoïewsky, atravessa o pensamento de Schopenhauer e de Nietzsche, e fica enredado no estilo e exemplo de Goethe (Freud, que era um excelente escritor, recebeu o prémio Goethe em 1930, na época o equivalente do Nobel para a língua alemã).

A importância que terá a *ciência da natureza* <*Naturwissenschaft*> na formação universitária de Freud, permite também encontrar uma outra linha, que liga o princípio da constância energética (Fechner) dos sistemas físicos isolados ao estudo do organismo no seu meio ambiente (Darwin, Lamarck), ao modelo teórico do arco reflexo e ao apuramento do papel central do córtex na coordenação do comportamento humano (Hitzig, Fritsch, Ferrier, Gall e outros).

Ainda dentro da linha geral fornecida pela teoria da evolução das espécies de Darwin, é Hughlings Jackson que influencia a concepção funcional que Freud se fará do sistema nervoso, oposta às visões estáticas de Broca, Wernicke, Meynert e Lichtheim; esta concepção levará ainda Freud, no seu estudo sobre as afasias, a sublinhar o primado da linguagem no aparelho psíquico humano, na medida em que sem ela não haveria possibilidade de verbalizar as ideias e estudar as suas relações (tema da psicologia associacionista de Mill e Herbart).

Finalmente, à fama adquirida na Europa pelo médico vienense Mesmer e o seu magnetismo, viria juntar-se a ambição do judeu Freud, que procuraria igualar a reputação de Charcot, Liébeault e Berheim na compreensão da histeria.

²Primeiro filho de um terceiro casamento, o seu pai, Jacob Freud, aparentava ser seu avô, enquanto a sua mãe, Amalia, tinha praticamente a mesma idade dos seus meios-irmãos Emmanuel e Philipp.

³*É preciso não esquecer*, sublinha Freud num dos seus últimos textos, *que a psicanálise se funda no amor à verdade*. Freud costumava aliás falar da psicanálise como uma *criança ilegítima*, fruto do seu amor pela verdade. Ao nível da anedota, ouvira dizer a Charcot que a histeria se devia à *coisa genital*, e a outros, como o ginecologista Chrobak, que a histeria se podia curar com *penis vulgar, bis repetitur*. Contudo, por ignorância científica e preconceito moral, nenhum médico e investigador ousava publicar sobre a antiga intuição que associava a histeria a problemas sexuais, como nenhum ousava defender publicamente a pequena verdade que evocavam em privado de modo jocoso.

a subjectividade, deixou de pactuar com o que já existia e acabou por conduzir a algo de inédito: o *desejo do psicanalista*.

Para aqueles que continuam a desconhecer aquilo que o discurso que estrutura este desejo tem de novo, a psicanálise pode parecer uma velha senhora, que ficou estéril ou que já foi enterrada. No entanto, como a Fénix, ela renasce permanentemente das cinzas.

Os permanentes ataques à psicanálise, quer provenham dos totalitarismos, dos moralismos ou dos cientismos, só provam que a centenária está viva e vigorosa. Contra factos não há argumentos: existem cada dia mais psicanalistas, psicanalisandos e psicanalisados.

Quanto a Freud, permanece um nome que inspira alegria <Freude>, um amigo <Freund> que não pára de dar que pensar, que criou uma obra cuja letra e espírito mudaram radicalmente o sentido e o valor da existência⁴.

Corte epistemológico e ferida narcísica

Para fazer uma omeleta é preciso partir ovos

Freud: O Início do Tratamento

Num artigo de 1913 escrito para uma Enciclopédia italiana, intitulado **O Interesse da Psicanálise**⁵, antes de apresentar ao leitor as estimulantes relações que a sua invenção começava a edificar com as disciplinas não psi-

⁴Freud foi, também, alguém que soube atravessar sozinho o deserto e, em seguida, arrastar consigo muita gente. Além de todos os que se empenharam directamente na experiência da Psicanálise, a sua obra teve efeitos incalculáveis sobre o pensamento contemporâneo. São prova disso a Etnologia (Roheim, Malinowski, Moscovici, Lévi-Strauss), a Entnopsiquiatria (Georges Devereux), o Culturalismo (Margaret Mead, Ralph Linton, Erik Erikson, Eric Fromm, Karen Horney, etc.), o freudo-marxismo (Reich, Marcuse, Bloch, Althusser), a Sociopsicanálise (Gérard Mendel), o estudo da Mitologia Grega (Jean-Pierre Vernant), o pensamento religioso (O. Pfister), a História (Michel de Certeau, Michel Foucault), a Teoria do Direito (Pierre Legendre), a Psiquiatria (largamente influenciada pela psicanálise pelo menos até ao começo da psicofarmacologia), a Psicossomática (P. Marty, M. Fain, M. M'Uzan, Sami-Ali), a Psicologia (genética, do desenvolvimento, do aconselhamento, da aplicação de testes como o Rorschach, etc.), a Psicoterapia (sexologia, grupanalise, terapias breves, psicodrama, terapia familiar, etc.), a Educação (inúmeros pedagogos inspiraram-se nas descobertas psicanalíticas), a Estética (Mario Perniola, Didi-Huberman, Harold Bloom, Gérard Wajcman, François Regnault, Hal Foster), a Literatura (Romain Rolland, Thomas Mann, Arnold e Stefan Zweig, assim como uma extensa lista de autores e de escolas desde o Surrealismo), o Cinema e o Teatro (Pabst, Huston, Hitchcock, Pasolini, Woody Allen, Raoul Ruiz, P. Chereau, etc), o ensaio e a crítica (Roland Barthes, Jean Starobinski, Alain Grosrichard, Cornelius Castoriadis, Elisabeth Badinter, Catherine Clément, Slavoj Žižek e muitos outros, como Alfredo Margarido e Eduardo Lourenço, a Filosofia (a maioria dos filósofos após Freud tomaram partido por ou contra a psicanálise), a Epistemologia (Gaston Bachelard), a linguística (Roman Jakobson, Émile Benveniste, Jean-Claude Milner), etc, etc, etc.

⁵Cf. a tradução, apresentação e comentário deste manifesto da epistemologia freudiana por Assoun, P-L. (1980). *Freud: L'Intérêt de la psychanalyse*. Retz, Les classiques des sciences humaines, Paris.

cológicas⁶, Freud evoca o vínculo estranhamente familiar da psicanálise com a psicologia.

Até a esta data, a psicologia científica e experimental tinha sido uma *psicofísica* ou uma *psicofisiologia*, enquanto que a psicologia racional e introspectiva, herdada da teologia e da filosofia especulativa, era essencialmente um estudo dos conteúdos de consciência, uma psicologia do Eu consciente de si.

O que Freud propõe no lugar da psicologia oficial ou superficial é uma *psicologia das profundezas*. Esta não é a velha psicologia enriquecida pelos conhecimentos vindos da anatomia, da neurologia e da patologia, mas um método de investigação de mecanismos psíquicos que seriam inacessíveis de outro modo, uma técnica de tratamento de sintomas fundada nos princípios deste método, e uma nova ciência, com seus conceitos e objecto – a *psicanálise*.

São os mecanismos psíquicos descobertos por Freud no tratamento dos seus pacientes que levarão à compreensão do sentido dos actos sintomáticos⁷. Mesmo se a existência destes mecanismos o obriga a manter o velho postulado científico do determinismo (Laplace), a afirmar que não há acaso no psiquismo, Freud deixa de fundar a causalidade psíquica na Consciência e no Eu, para a referir ao *Inconsciente* e à *Pulsão*.

Os conceitos de Inconsciente e de Pulsão vieram contrariar dois dos grandes preconceitos da inteligência vigente.⁸ Assim, Freud viu-se na obrigação de apresentar também aos leitores, para além do *interesse*, a *dificuldade da psicanálise*⁹: esta tornou-se inaceitável, porque provocou uma crise na ciência e na consciência do seu tempo, desferindo simultaneamente um terceiro e profundo golpe no amor-próprio da humanidade.

O primeiro destes golpes foi infligido pela Astronomia. Com efeito, pensava-se ainda durante a Idade Média que a terra era o centro do Cosmos, de um mundo fechado que Deus construiu e enfeitou para o homem condigna-

⁶ A primeira ciência não psicológica da lista que Freud estabelece neste texto é a da linguagem. Não tendo tido acesso às teses do *Curso De Linguística Geral* (1906-1911) de Ferdinand de Saussure, Freud refere-se ao filólogo Hans Sperber, já anteriormente citado, juntamente com Karl Abel, no seu artigo sobre *Os Sentidos Opostos das Palavras Primitivas* (1910). As obras destes dois autores levam-no a encarar a linguagem de um modo pré-linguístico, como transcrição de uma necessidade ou tradução de uma forma de expressão numa outra. Assim, a função simbólica e significativa concerne não só a fala e a escrita, como a linguagem dos gestos, dos sentimentos e dos pensamentos. É a *linguagem do sonho* e os *idiomas do sintoma* – os quais se devem decifrar <Entzifferung> como uma *escrita ideográfica* ou um *criptograma* – que vão sobretudo mostrar que Freud se interessa pela estrutura signficante das formações do inconsciente.

⁷ São as *Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica* (1894) de Wilhelm Dilthey que vão problematizar, no pensamento de língua alemã, a distinção entre os factos observáveis que as ciências empirico-formais descrevem e explicam, e a compreensão do sentido global dos fenómenos que as ciências sociais e humanas analisam. Esta dimensão não biológica do sentido será retomada no conceito de *intencionalidade* de Franz Brentano, de onde passa para Freud, Husserl, Heidegger, Jaspers e Biswanger.

⁸ O preconceito *intelectual*, que confundia psiquismo e consciência; e o preconceito *estético-moral*, que recusava admitir a importância da sexualidade na etiologia das psicose e nas mais elevadas manifestações do espírito humano. Freud considera, no entanto, que a opinião popular e a arte se opuseram muitas vezes a estes preconceitos.

mente habitar. Ora, no século XVI, Galileu, Copérnico, Kepler, Giordano Bruno e outros vêm mostrar que a terra não ocupa este lugar privilegiado da nossa imaginação, que é apenas um planeta descrevendo a sua órbita em torno do Sol, um pequeno grão de areia num Universo infinito.

A segunda grande humilhação, que data apenas do século XIX, foi provocada pela Biologia. Acreditava-se piamente na tradição ocidental que o homem tinha sido criado à imagem e semelhança de Deus. Mas, com Darwin, o homem passa a ser um mero resultado da evolução, um sucedâneo do macaco.

Por fim, com o narcisismo refugiado no interior do espaço privado do psiquismo, Freud desfere um terceiro golpe na megalomania humana, mostrando que o Eu e a Consciência não são senhores de si na sua casa, mas marionetas puxadas por fios que desconhecem, movidas por forças que os ultrapassam.

Palavra e Sintonia

As palavras são o instrumento essencial do tratamento psíquico

Freud: **O Tratamento Psíquico**

A partir do sintoma fomos conduzidos para o inconsciente, para a vida pulsional...

Freud: **Novas Conferências sobre Psicanálise**

A ruptura de Freud com o conhecimento do seu tempo passou também por uma separação com os seus mestres. Depois de se ter afastado da fé judaica de seu avô (o rabi Schlomo Freud), do judaísmo pouco tradicional do seu pai e exegético do seu professor de hebreu (Hammerschlag), desligou-se dos cientistas e médicos que conheceu durante os seus estudos superiores e nas primeiras actividades profissionais.

Estes últimos viviam o triunfalismo positivista da Ciência do fim do século XIX. Por exemplo, o chefe do laboratório no Instituto de Fisiologia de Viena em que Freud dissecava enguias, lampreias e outros pequenos animais por volta de 1880, Ernest Brücke, era uma espécie de D'Artagnan, que se juntou aos três mosqueteiros da ciência de então – Émile Dubois-Reymond, Hermann Helmholtz e Carl Ludwig –, para jurar com eles que não descansaria enquanto não demonstrasse que tudo se explicava por um sistema de elementos físico-químicos.

Esta fé cientista não deixará de marcar a obra de Freud: é ela que o leva a forjar o termo *psico-análise* por analogia com a análise química dos compostos, a utilizar metáforas energéticas, hidráulicas e biológicas ou, ainda, a acreditar durante um certo tempo no modelo médico da cura.

⁹Freud, S. (1933). *Une difficulté de la psychanalyse*, in *Essais de psychanalyse appliquée*. Idées-Gallimard, Paris.

Por razões materiais, Freud troca a investigação laboratorial pela medicina, mas em seguida abandona-a, porque sempre foi médico contra a sua vontade. Uma vez psicanalista, defendeu a *análise leiga*, não praticada por médicos, dado que ser médico pode até prejudicar a psicanálise, pelo menos quando este não sabe desprender-se da mania de curar <*furor sanandis*>.

Aquilo que distingue desde muito cedo a clínica freudiana da dos psiquiatras, psicólogos e sexólogos da sua época é a afirmação de que a *palavra*¹⁰ é o principal instrumento do tratamento psíquico, o meio mais apropriado e eficaz para tratar as perturbações da alma e do corpo do ser falante.

Antes mesmo que Bertha Pappenheim (dita Anna O.) tenha utilizado o termo de *talking cure*¹¹ para rebaptizar o que Breuer chamava de *abreacção* e *catarse*, que outras histéricas tenham pedido ao médico para se calar e deixá-las falar, a psicanálise foi concebida pelo seu inventor como tratamento pela palavra.

Sem dúvida que sempre houve a suspeita de que a palavra continha fórmulas mágicas e poderes purificadores, mas o grande mérito de Freud foi de não se ter contentado com a influência da palavra do feiticeiro, do padre ou do médico sobre o paciente, para contar, antes de tudo, com os efeitos da fala do sujeito sobre o seu próprio sintoma.

*Sintomas típicos*¹² que não o histérico passarão igualmente pelo crivo da palavra, mas o primeiro *sintoma individualizado* na psicanálise é o sintoma-Freud: a *análise originária*¹³ trata do caso Freud, e o conjunto da obra inclui uma dissecação da personalidade psíquica do autor, a qual se estrutura à maneira do sintoma que sente como estranho.

A estranheza encontrada em si mesmo e nos seus pacientes resulta do facto de que o sintoma psicanalítico tem um *sentido* enigmático e aparentemente ininteligível.

¹⁰Freud, S. (1971). *Le traitement psychique*, in *Résultats, idées, problèmes*. V-I, PUF, Paris, p. 2. Na 1ª lição da *Introdução à Psicanálise*, Freud reafirma que o tratamento psicanalítico apenas comporta uma troca de palavras. E explica: *com as palavras um homem pode tornar feliz o seu semelhante, ou levá-lo ao desespero, e é com a ajuda das palavras que o professor transmite o seu saber ao aluno, que o orador entusiasma o auditor e determina os seus juízos e decisões. As palavras provocam emoções e constituem para os homens o meio mais geral de se influenciarem reciprocamente. Não procuremos, por conseguinte, diminuir o valor que podem ter as palavras na psicoterapia.*

¹¹Freud, S e Breuer, J. (1956). *Études sur l'hystérie*. PUF, Paris, p. 21

¹²Na Conferência 17 da *Introdução à Psicanálise*, Freud distingue entre *sintomas típicos* e *sintoma individualizado*. A relação entre o nome próprio do sintoma individual e a categoria psicopatológica pode ser estudada com alguma pertinência nos casos clínicos apresentados nas *Cinco Psicanálises*: «Dora» (1905) para a histeria, o «Homem Dos Ratos» (1909) para a neurose obsessiva, o «Pequeno Hans» (1909) para a fobia, o «Presidente Schreber» para a paranóia, e o «Homem Dos Lobos» (1914) para a *neurose infantil*, assim como para a *discussão de todos os resultados e problemas da psicanálise*.

¹³Termo que Octave Manoni preferiu ao de *auto-análise*, dado que Freud concluiu que esta era *impossível*. Na realidade, a auto-análise é a negação da análise, que não se pode fazer sozinho como uma introspecção, pois exige a presença de um suposto analista (o que Breuer e Fliess representaram para Freud). Cfr. Manoni, O. (1967). In *Clefs pour l'imaginaire*, Paris, Seuil.

Freud descobre que o sintoma resulta de um *acontecimento traumático*¹⁴ de que nada se quer saber, e que é uma *solução de compromisso* entre a exigência de satisfação corporal e o sujeito psicológico (Eu) que contra ela se defende.

Ao impedir o choque das duas forças antagônicas, o sintoma introduz a paz no conflito, mas, com esta, as reivindicações iniciais cedem o lugar a satisfações substitutivas e aparecem os *benefícios da doença*.

Freud aproveita para enunciar um paradoxo: o indivíduo sofre do seu sintoma sem que se queira desembaraçar dele, pois conta com esse parceiro para obter uma satisfação que pode não ser a melhor, mas que é a satisfação possível.

Por que procura reduzir as forças ao silêncio, a paz do sintoma é sempre provisória. Se assim não fosse, não haveria a formulação de uma queixa, nem um pedido de cura.

A noção de cura em psicanálise é contudo problemática. No fim dos **Estudos sobre a Histeria** (1895), Freud escreve que a análise se limita a transformar a *miséria histérica em sofrimento banal*¹⁵. Vinte e um anos mais tarde, na 23.^a Conferência da **Introdução à Psicanálise** (1916-17), afirma: *a única coisa de tangível que resta da doença depois de se ter acabado com os sintomas é a capacidade para formar novos sintomas*¹⁶. E, no fim da sua vida, em **Análise Terminável e Interminável** (1937), previne os analistas que pretendem curar o incurável, que a sua profissão não é só difícil, mas *impossível*¹⁷.

Existem na obra de Freud várias figuras do insarável, como o *desamparo* <Hilflosigkeit> existencial, a *dependência* <Abhängigkeit> de outrem ou a *angústia da perda de amor* <Angst vor Liebsverlust>; todavia, é ao nível do incurável do sintoma¹⁸ que a própria noção de cura deve ser colocada em questão. Sem dúvida que encontramos sempre pessoas que acreditam ter sido curadas pela psicanálise, mas, neste caso, devemos considerar que esta impressão vem *em acréscimo*, pois não há homens nem mulheres sem sintomas.

O que a *talking cure* propõe pela mediação da sua *regra fundamental* – a associação livre –, é analisar o material e as resistências que provém da fala do

¹⁴ Este traumatismo não supõe forçosamente um acontecimento externo de tipo catastrófico, como no caso das neuroses de guerra ou de um desastre ferroviário. O traumatismo psíquico descoberto por Freud processa-se em dois tempos (infância e idade adulta), sendo o segundo que confere retrospectivamente ao primeiro a sua significação traumática. O trauma deriva por vezes de uma série de pequenos acidentes ou alusões aparentemente insignificantes, como coisas que se viram ou escutaram sem se compreender. De um ponto de vista estrutural, podemos dizer que são os efeitos da linguagem sobre o corpo vivo, sexuado e mortal que traumatizam por excelência o ser humano.

¹⁵ *Op. cit.*, p. 247.

¹⁶ Freud, S. (1989). In *Textos Essenciais De Psicanálise*, vol. III, Publicações Europa-América, Lisboa, p.127.

¹⁷ Freud, S. (1985). In *Résultats, idées, problèmes*, vol. II, PUF, Paris, p.263.

¹⁸ *Somos todos doentes*, escreve Freud em *Os Caminhos para a Formação de Sintoma*, para explicar que a normalidade é a neurose. Como as pré-condições da formação do sintoma são comuns a todos os seres humanos, a anormalidade psicótica, ou perversa, acaba por ser uma questão estatística. A análise tenta apenas que o sujeito possa devir o que teria sido sem tratamento, em condições mais favoráveis.

analisando, afim de que este, na sua busca da verdade, consiga transformar a relação com um sintoma que é, no fundo, irreduzível.

Mesmo convertido somaticamente, o sintoma expressa-se através da palavra que o analista oferece a quem o consulta. Mas, durante o exercício da plena liberdade de falar, o analisando revela-se como o sujeito de uma *primeira mentira* <proton pseudos>, que pode ser atribuída à fantasia ou *fantasma* <Phantasie>, mas também à própria palavra, na medida em que esta não é a coisa nem o seu significado, e gera sempre o mal-entendido.

Para dizer toda a verdade, o sujeito vê-se forçado a recorrer a mitos, a inventar romances familiares, *estórias* infantis e sexuais, que chamam a atenção de Freud para a verificação da realidade de tais «delírios».

Depois de escutar os seus analisandos, ele fica convencido que não se trata só de imaginação, que o fantasma se refere a um acontecimento corporal, mas que a *verdade histórica* deste real apenas pode ser *construída* na análise¹⁹. Desde logo, a análise vai à procura daquilo que permanece constante nas variações de sentido de uma verdade com estrutura de *ficção*.

A procura do sentido conduziu Freud a definir inicialmente a psicanálise como uma *arte da interpretação*. Mas depressa se deparou com uma *resistência* a esta arte, um obstáculo a que chama *transferência*.

É a análise da *neurose de transferência* que permite distinguir entre o *sentido* <Sinn> e a *referência* <Bedeutung> real do sintoma²⁰. De facto, o analisando deixa de questionar o sofrimento que o levou ao pedido de cura para se fixar ao analista enquanto objecto de amor; e como a variação do sentido do sintoma vai girar doravante em torno do analista, Freud diz que, na análise da transferência, só existem os *sintomas que conhecem uma tal transformação*²¹.

Mas, então, qual é realmente a *Bedeutung* do sintoma? A primeira resposta de Freud encontra-se na **Traumdeutung**, porque foi o sonho que lhe permitiu aprofundar a lógica do inconsciente.

A interpretação dos sonhos

A interpretação dos sonhos é a via régia que levou ao conhecimento do inconsciente na vida psíquica

Freud: **A Interpretação dos Sonhos**

Ao pedir ao editor que apusesse na **Traumdeutung**²² a data simbólica de 1900, Freud mostrou querer ligar indissociavelmente a interpretação dos sonhos, o nascimento da psicanálise e o século que se iniciava.

¹⁹Freud, S. (1985). *Constructions dans l'analyse*, in *Résultats, idées, problèmes*, II, PUF, Paris.

²⁰Poder-se-á estudar esta diferença nas Conferências n.º 17 e n.º 23 da *Introdução À Psicanálise*.

²¹Freud, S. (1972). *Introduction à la psychanalyse*, Conferência n.º 27, *op. cit.* p. 422.

²²A *Interpretação Dos Sonhos* foi posta à venda por Franz Deuticke em 4 de Novembro de 1899, numa edição de 600 exemplares, que demorou oito anos a esgotar-se.

Aquele que virá a ser o mais célebre dos livros de Freud acrescenta ao estudo do sonho como processo somático, o estudo do sonho como realidade psíquica e social, dado que os sonhos sempre foram interpretados na história dos povos.

Antes de Freud, existiam duas grandes teses sobre o sonho: a que defendia que era um fenómeno desprovido de sentido e a que dizia o contrário. A primeira destas teses era sobretudo partilhada pelos cientistas²³, e a segunda por todos aqueles que confusamente supunham que o sonho queria dizer algo.

Freud junta-se aos antigos intérpretes dos sonhos como Artemidoro de Daldis, e até aos videntes populares da sua época, para afirmar que o sonho não é absurdo, tem um sentido, pelo menos a partir do momento em que o sujeito se questiona sobre ele.

Porém, diferentemente dos que acreditavam que o sentido do sonho era místico-religioso, que os sonhos eram mensagens dos deuses, Freud defende que o sonho é uma mensagem do inconsciente, e que a referência ao sentido tem uma significação sexual para o sujeito.

Todos os que precederam Freud foram enganados pelas imagens que viam nos seus sonhos, quer estas estivessem paradas ou em movimento. Assim, ninguém se apercebeu que o sonho não era um desenho, uma pintura ou uma animação cinematográfica, mas uma escrita figurada, que podia ser decifrada como Champolion decifrou os hieróglifos egípcios.

Como objecto da psicanálise, o sonho é uma *charada*²⁴. Mesmo se o seu *conteúdo manifesto*, visível, é composto por imagens, o seu *conteúdo latente*, invisível mas legível, é constituído pelas sílabas, palavras e letras que articulam a proposição ou sentença da charada.

A análise não interpreta *o sonho em si*, mas o relato dos pensamentos do sonho, as associações do sujeito que fala e o simbolismo comum que utiliza. O que se analisa, pois, é a relação que o analisando entretém com o seu sonho, quando envia a mensagem ao analista.

O mistério do sonho não está propriamente no sentido que *retroactivamente* <*nachträglich*> se lhe pode dar, mas nos *mecanismos* que presidem à criação deste sentido, que são os mesmos que governam todas as formações do inconsciente²⁵.

²³Os cientistas de ontem e de hoje dizem o mesmo sobre o assunto. No tempo de Freud, acreditavam que os sonhos eram um fenómeno orgânico ou um reflexo psíquico do que se passava no corpo, por exemplo, o resultado de uma má digestão. Actualmente, afirmam que o sonho tem uma função neurobiológica de regeneração, e uma função cognitiva de activação da memória e programação de conhecimento, mas que não tem o mínimo sentido. Explicam, ainda, como o sonho se forma nas relações entre o sistema límbico, o hipocampo e o cortex cerebral, ou através das conexões entre a rede neuronal, as imagens e os pensamentos, mas não se interessarem minimamente pela forma e o conteúdo do que conta o sonhador.

²⁴Freud, S. (1989). *A Interpretação Dos Sonhos*. V-II, Pensamento, Lisboa, p.102.

²⁵Como o sintoma, são estas formações (esquecimentos, lapsos, actos falhados, chistes, etc.) que Freud estuda pormenorizadamente nos dois outros livros inaugurais onde apresenta a descoberta do Inconsciente, *A Psicopatologia da Vida Quotidiana* (1901) e *O Dito Espirituoso* <*Witz*> e *a suas Relações com o Inconsciente* (1905). Acrescente-se, no entanto, que o sintoma difere das fulgurantes formações do inconsciente pela sua permanência e constância.

Aquilo que Freud vai efectivamente descobrir é o *trabalho do sonho* <Traumarbeit>, juntamente com o seu *empreiteiro* (os restos diurnos) e *capitalista* (o desejo inconsciente).

O sonho mostra como o desejo que foi impedido de se manifestar investe, durante o sono, as recordações do passado, ou do próprio dia, submete este material à *condensação* <Verdichtung> e ao *deslocamento* <Verschiebung> que regem as representações psíquicas ao nível do processo primário inconsciente, mas também à elaboração secundária, à *exigência de figurabilidade* <Rücksicht auf Darstellbarkeit>²⁶ que acaba por dar uma consistência imaginária ao criptograma.

Este processo passa-se com a consciência adormecida e segue a via das palavras que se impõem aos que, mesmo dormindo, habitam a linguagem. É ainda o ditame das palavras que leva Freud a explicar o sonho acordado que foi também para ele a **Interpretação Dos Sonhos**, dado que o livro lhe foi ditado em boa parte pelo inconsciente, quando se debatia internamente com o inconfessável desejo que a morte do seu pai veio por a claro²⁷.

Ao longo da **Traumdeutung**, Freud repete que o sonho é uma *realização de desejo*, mas também o *guardião do sono*. A partir destas duas grandes teses, podemos dizer que, tal como o célebre *sonho da injeção dada a Irmã*,²⁸ cada sonho tem a sua fórmula significante e o seu significado, que cada um cumpre um desejo e todos realizam o desejo de dormir.

O *desejo* <Wunsch> em Freud está ligado a uma representação complexa e com um ponto de fuga. Ele mostra como a necessidade e o pedido de amor se juntam ao anseio de alcançar uma satisfação plena. Mas como mesmo a primeira satisfação infantil foi precedida de insatisfação, aquela que o *Wunsch* persegue com ânsia acaba por ser mítica. Por outro lado, como nenhum reaparecimento de traço mnésico e rememoração podem levar à satisfação que seria originária, o sonho vai tentar alcançá-la através da regressão alucinatória²⁹.

²⁶ Vários kleinianos conceberam a figurabilidade como uma encenação própria ao psicodrama interno. Mas o importante é de entender que uma tal encenação se apoia na *condensação* e no *deslocamento*, equivalentes do que a antiga retórica chamava de *metáfora* e *metonímia* (Lacan).

²⁷ No prefácio à segunda edição da *Traumdeutung*, Freud escreve que só se apercebeu retrospectivamente da significação pessoal desta obra científica: que o livro era a resposta do inconsciente ao *acontecimento mais importante, à perda mais dilacerante da vida de um homem*, a morte do pai. Na nossa época de utilidade imediata, que muitas vezes não oferece tempo nem espaço à psicanálise, o sonho permanece um dos últimos refúgios da invenção de Freud. As pessoas não desistem de sonhar com um mundo melhor e, neste sentido, recusam pedir medicamentos ao psiquiatra e ajuda ao psicólogo comportamental, para que estes anulem ou corrijam rapidamente os desvios que o sonho imprime a uma vida que foi sentida como existência, mas que se tornou negócio e depressão.

²⁸ Freud, S. *A Interpretação Dos Sonhos*. V-I, op. cit. p. 111 e sg. Este sonho foi o primeiro que Freud afirma ter conseguido interpretar até ao fim. A fórmula triádica da *trimetilamina* fornece aí a estrutura significante de todos os sonhos (cfr. Lacan, J. (1978). *Le Séminaire, livre II*. Seuil, Paris; Anzieu, D. (1988). *A Auto-Análise de Freud e a Descoberta da Psicanálise*. Edições 70, Lisboa; AAVV (1996). *Cem Anos sobre o Sonho*, Actas da 1ª Jornada do Centro de Estudos De Psicanálise, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa).

²⁹ Freud diz-nos que a regressão onírica pode ser *formal*, indo até formas primitivas de expressão. Ela pode também ser *tópica*, por exemplo, quando vai até ao Inconsciente como lugar psíquico;

Contrariamente a esta alucinação, o sonho contado ao analista vem mostrar que aquilo que se torna crucial é a realização verbal do desejo. De facto, é o relato do sonho que acaba por dizer, ainda que de modo deformado, aquilo que a voz da consciência não conseguia balbuciar.

No final, o desejo permanece insatisfeito, pois a alucinação e a narração do sonho são incapazes de obter uma satisfação que seja completa. Mais ainda, como o sonho da *espirituosa mulher do talhante*³⁰ indicou a Freud, realizar o desejo acaba mesmo por ser criar-se um desejo insatisfeito, dado que o desejo emerge na diferença entre a satisfação esperada e a obtida, e só é *indestrutível* quando falta o objecto que o anima. É esta falta constituinte do desejo que o sonho como guardião do sono tenta velar. O sonho procura conservar o sono para afastar os estímulos que perturbam a actividade vital de dormir, mas também e sobretudo para não permitir que o real acorde a consciência, isto é, para fazer com que o sonhar prossiga, de olhos bem fechados ou abertos.

O pesadelo e o sonho de angústia tornam-se aqui importantes, porque mostram que o real que o sonho encontra tem um carácter traumático. Não se trata unicamente do que Freud chamou o *umbigo do sonho*³¹, o ponto onde este se liga ao Desconhecido, em que a interpretação deve parar, exigir outro sonho ou arriscar-se ao delírio. Trata-se, sim, do que vincula realmente sonho e sintoma.

O sintoma e o sonho como formações do inconsciente foram os dois pontos de partida empíricos da psicanálise. Mas Freud descobre rapidamente que o sonho (noturno ou diurno) é uma realização imaginária do *fantasma do desejo* <*Wunschphantasie*> inconsciente, enquanto que o sintoma permanece ancorado ao que a pulsão sexual tem de mais real.

É o sintoma que faz com que a vida não seja só sonho, que haja também um real para o qual o sujeito é forçado a despertar.

O inconsciente

O valor-índice do inconsciente ultrapassou de longe a sua importância como propriedade

Freud: *Nota sobre o Inconsciente na Psicanálise*

Um dos problemas com que Freud se depara sempre que se vê obrigado a escolher um termo para o vocabulário da psicanálise é de conseguir diferenciar do senso comum o conceito associado ao novo significante: é o caso da palavra *Inconsciente* <*Unbewusst*>, que já existia na língua alemã como adjectivo e substantivo, e no pensamento em geral, como inconsciente metafísico, psicológico e poético.

e *temporal*, quando repassa por lembranças mais ou menos imaginárias daquilo que se teria passado num estágio anterior do desenvolvimento. Neste último caso, Freud pôde ver no sonho uma tentativa de regressão alucinatória e narcísica ao passado intra-uterino que o sono recriaria.

³⁰Freud, S. *A Interpretação Dos Sonhos*, v. II, *op. cit.*, p. 149 e sg. (a tradução portuguesa fala de *doente engenhosa* e a brasileira de *bela açougueira*).

³¹*Op. cit.*, v-III, p. 108.

Esta dificuldade obrigou Freud a escrever vários artigos para explicar que o valor de índice que o *Inconsciente* tomou na psicanálise nada tem a ver com uma substância, nem com os atributos inconscientes descritos por Theodor Lipps, Eduard von Hartmann ou Pierre Janet.

Recorrendo à filosofia de Kant, que distingue a Coisa-em-si das representações, ele dirá que o Inconsciente como *Coisa <Ding>* é Incognoscível. Desde logo, a ciência e a consciência só podem ter acesso à lógica do Inconsciente através do *a priori* da *palavra <Wort>*.

Mesmo se pode ser concebido como um real lógico, intemporal ou sempre actual, Freud começa por falar do Inconsciente como uma *hipótese*, necessária e legítima, para quem queira decifrar certos fenómenos psíquicos inexplicáveis pela ciência.

De um modo geral, a hipótese do Inconsciente refere a um *saber* desconhecido³², cujos efeitos de sentido não chegam à consciência, mas que são decisivos para a sobrevivência de uma espécie a quem falta o instinto dos animais. Este saber inconsciente não é absoluto, mas congruente com a existência de um não saber fundamental, o *núcleo* psíquico derivado do *recalcamento primordial*.

No interior da *primeira tópica* freudiana, o Inconsciente é um sistema com ligação ao Pré-consciente e Consciente. O Pré-consciente é apresentado como o lugar onde se efectua a *representação de palavra*. Esta supõe forçosamente a linguagem, que dá acesso às representações que a consciência verbaliza ou censura. O Inconsciente é uma *outra cena* que não a consciência, onde se situa o que foi primordialmente recalcado, mas também a *representação da coisa* que não chega à fala consciente; por consequência, é também a instância do aparelho psíquico onde sobrevive o resultado dinâmico do *recalcamento secundário*, o veto através do qual o Eu consciente procura manter-se à distância das representações intoleráveis, condenando-se ao *retorno do recalcado*.

Normais ou patológicas, as representações são imagens mentais formadas no cérebro, mas que são sobredeterminadas pelo que distingue o pensamento do ser humano do dos outros animais, aquilo que Freud chama o *representante representação <Vorstellungsrepräsentanz>*³³. É este representante que constitui a condição de possibilidade da representação humana, aquela que assenta no diferencial dos *signos*³⁴ que registam tudo o que se passa no aparelho psíquico, do sistema Percepção-Consciência ao Inconsciente.

³²Na 6.ª Conferência da *Introdução à Psicanálise*, a propósito dos pensamentos inconscientes do sonho, Freud diz que o sujeito *os conhece sem os saber; ou que não sabendo que os sabe, acredita ignorá-los*. No «Homem dos Lobos», referindo-se ao fantasma originário, inconsciente, Freud evoca um *saber difícil de definir*, comparável ao *saber instintivo* dos animais.

³³O exemplo mais esclarecedor encontra-se no artigo *O Inconsciente* (1915), onde Freud afirma que *uma pulsão nunca pode tornar-se objecto da consciência – só o representante representação o pode. Mas ainda, no inconsciente uma pulsão só pode ser representada por um representante*.

³⁴Freud, S. (1979). *La Naissance de la Psychanalyse*, carta n.º 52 a Fliess, p. 154: *o que há de essencialmente novo na minha teoria, é a ideia de que a memória não se apresenta de uma só vez, mas por intermédio de diversos signos <Zeichen>*.

Mas como na *talking cure* o Inconsciente é o discurso no qual o sujeito se trai, os signos freudianos acabam por equivaler aos signos da linguagem. De facto, sem a fala não se podia escutar o que analisando diz e repete apesar dele, interpretar o material que rememora e elabora, ou analisar as suas resistências e construir o fantasma.

A partir de 1920, quando Freud propõe a sua *segunda tópica* (Id, Ego e Superego), muitos dos seus alunos pensaram que ele abandonava o conceito de Inconsciente. Foi o que aconteceu com todos aqueles que tentaram reduzir a psicanálise a uma pós-educação, onde caberia ao psicanalista o papel do novo pedagogo. Por seu lado, a Psicologia do Ego que Hartmann, Kris e Löwenstein desenvolveram durante o pós-guerra nos Estados Unidos, da América procurou integrar a psicanálise na Psicologia Geral, por intermédio de um Ego forte, que saberia impor internamente a sua função de síntese e adaptar-se ao mundo ambiente, como os psicanalistas europeus emigrados ao *american way of live*. Melanie Klein e os seus seguidores foram dos poucos que salvaguardaram a parte inconsciente das três instâncias da segunda tópica, mas extraindo quase sempre dela a sexualidade. Só Lacan, no seu *retorno a Freud*, manteve o conceito de Inconsciente, com a sua estrutura de linguagem³⁵ e realidade sexual.

A pulsão

A teoria das pulsões é, por assim dizer, a nossa mitologia

Freud: A Angústia e a Vida Pulsional

Se o Inconsciente é uma *hipótese*, algo que se supõe, a *Pulsão* impõe-se a Freud partir do sintoma do corpo sexuado.

A realidade sexual do ser humano não deve ser reduzida a um *instinto* <Instinkt>. Assim, Freud preferiu utilizar o termo *pulsão* <Trieb>, explicando desde o início que ele indica um perturbante intercâmbio entre as representações psíquicas e as excitações somáticas.

Os **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade** (1905) referem as deambulações dos representantes psíquicos da pulsão durante o desenvolvimento individual a algo de escandaloso para a época vitoriana: a *perversão-polimorfa* da criança. A libido é aí apresentada como aberrante em relação à norma física e moral, dado que a pulsão sexual não visa a reprodução, mas a satisfação, basicamente *autoerótica*.

³⁵ Com o aforismo *o inconsciente está estruturado como uma linguagem*, Lacan indica que o inconsciente freudiano é uma estrutura formal, uma forma vazia tão estranha às imagens como o estômago aos alimentos que o atravessam, mas que impõe as suas regras às representações e afectos. Se o Pré-consciente é o léxico individual de cada um se serve para contar a sua história, os significantes deste léxico só adquirem um significado para a Consciência na medida em que o Inconsciente o organiza segundo as leis da linguagem ou do discurso.

Da infância à puberdade, a sexualidade do ser humano manifesta-se na forma de *pulsões parciais*, de tendências que se amparam das partes do corpo envolvidas na relação com o outro que fala, cuida das necessidades vitais (alimentação, etc.), educa (limpeza, etc.) e seduz, transformando certas parcelas do organismo em *zonas erógenas*.

É só com a idade adulta que esta sexualidade multifacetada parece encontrar uma unidade ao nível da organização genital reprodutora; mas a pulsão sexual total nunca se constituirá, pois existirão sempre prazeres preliminares e não genitais, bem como fixações a objectos (seio, fezes, etc.) já abandonados e regressões a organizações precedentes (oral, anal, etc.)

Servindo-se da distinção schilleriana entre a *fome* e o *amor*, Freud diferencia ainda os interesses do indivíduo dos da espécie, distinguindo entre as *pulsões de auto-conservação* e as *pulsões sexuais*. Esta distinção leva-o, em **Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Mental** (1911), a associar as pulsões propriamente sexuais ao *princípio do prazer* que governa o inconsciente, e as pulsões de auto-conservação ao *princípio de realidade*.

Mas, com **Introdução ao Narcisismo** (1914), volta ao facto de que a *libido* é sempre sexual, redistribuindo apenas a sua energia pelos objectos externos e o Eu enquanto objecto de amor-próprio. Ao mesmo tempo que a realidade se revela a forma que toma para o sujeito o prazer não alucinado, o narcisismo torna-se fundamental para entender a perda da realidade nas psicoses (ditas *psiconeuroses narcísicas*).

Com a reflexão metapsicológica iniciada em 1914, Freud situa mais precisamente a Pulsão *entre* o somático e o psíquico; mas só em 1933 explica que o *campo obscuro* da ciência ocupado pela teoria das pulsões é a sua *mitologia*.

Com esta referência à narrativa mítica, Freud indica definitivamente que a *pulsão* não concerne a adaptação biológica, psicológica e social. Em **Psicologia Colectiva e Análise do Eu**, afirma mesmo que não existe *pulsão gregária*.

É em 1915, em **As Pulsões e as suas Vicissitudes**, que dá o passo decisivo no esclarecimento do seu *conceito-fronteira*, quando divide a complexidade da *Pulsão* (sexual) em quatro elementos básicos: a *fonte*, a *pressão*, o *objecto* e o *alvo*.

A *fonte* da pulsão é remetida à partida para a origem biológica do sexo, cuja investigação não diz respeito ao psicanalista como tal. Na metáfora da energia quantificável, a *pressão* é a força constante que define a libido como unidade de medida da vida psicosexual. Freud alerta aqui para o facto que existe também uma historicidade e uma plasticidade da libido, e que a força de trabalho pulsional é moldada pelas leis da linguagem, nomeadamente, pelas formas gramaticais. Por exemplo, a pulsão escópica possui uma *voz activa* (ver), uma *voz passiva* (ser visto) e uma *voz média reflexiva* (fazer-se ver). Quanto ao *objecto* da pulsão, diz que ele é vazio, porque variável ou sempre substituível. A única condição que deve preencher o objecto é de servir de meio para alcançar um fim, o *alvo* da pulsão, que é um retorno à origem, de modo a provocar uma alteração do corpo vivo que seja experimentada como outra e mais satisfação.

Ainda neste texto, Freud evoca quatro dos destinos que pode conhecer a satisfação pulsional em virtude da resistência que lhe opõe a consciência. Estuda com algum pormenor dois destes mecanismos de defesa, a *inversão* e a *reversão*, consagra um terceiro e importante artigo ao *recalcamento*, e deixa de lado a misteriosa *sublimação*.

A *reversão* é ilustrada pelos pares sadismo - masoquismo e voyeurismo - exibicionismo. Estes mostram bem qual é a função do objecto no interior do quadro fixado pelo fantasma que representa a pulsão no psiquismo: a de instrumento da satisfação perversa.

Estudando ainda, pela via da *inversão* dos afectos, os sentimentos de amor e de ódio, Freud chega à conclusão que o segundo não pode apenas ser o contrário do primeiro, que deve haver um ódio logicamente anterior ao amor, uma reacção mais primitiva à dor de viver. É este ódio que surge na reflexão de Freud sobre o amor sexual que constitui o prelúdio do que virá a chamar, alguns anos mais tarde, *pulsão de morte* <Todestrieb>.

Para Além do Princípio do Prazer (1920) introduz definitivamente na psicanálise o dualismo pulsão de vida - pulsão de morte. Se as formações do inconsciente tinham chamado a atenção para o retorno do recalcado, as vicissitudes pulsionais vão conduzir agora para o eterno retorno do mesmo enquanto *compulsão de repetição*.

Esta vem mostrar que a satisfação pulsional é contrária a todo o prazer que exclua o desprazer. Trata-se de uma satisfação que escapa à lógica do vivente, que se opõe à homeostasia que regula o organismo físico e psíquico, de um *gozo da dor* que aponta para experiências paradoxais ou aparentemente incompreensíveis, como a do *masoquismo fundamental* do ser humano.

Fazendo-se o advogado do diabo, Freud mergulha numa nova reflexão metapsicológica, que parte da observação da brincadeira (o jogo com os fonemas alemães *fort/da*) de um dos seus netos, passa pelas neuroses de guerra, a culpa inconsciente, a reacção terapêutica negativa, lança-se numa especulação filosófica sobre a vida e a morte, e acaba por tropeçar num poema de Rückert que relaciona pecar e escrever. A partir desta data, Freud não parará de escrever sobre o modo como *Eros* se une a *Tanatos*, para através da sua *acção oposta e conjunta*, nascer incessantemente a vida à qual a morte virá pôr termo.

A repercussão que terá esta última versão da teoria das pulsões entre os alunos de Freud será incalculável. À partida, ninguém quis aceitar a existência de uma pulsão de morte, a começar pela sua filha, Anna Freud. Melanie Klein tentou em seguida assimilá-la a um paradoxal *instinto de morte*, que constituiria a base orgânica da *ansiedade* e da *agressividade*. É Lacan que desdramatiza o problema. Ele explica que o *encontro* do ser sexuado e mortal com a linguagem sujeita a representação humana do real à *ordem simbólica* ou *automatismo* que caracteriza a *compulsão de repetição* em Freud. *Pulsão de morte* significa, então, que a vida das palavras e das ideias está para além da vida biológica. Se a pulsão de morte pode também ser denominada de *pulsão de destruição* é porque a vida

da cultura é histórica, implica a negação e a superação do que já lá estava como obra feita, facto que pressupõe sempre a *dominação* <Bemächtigungstrieb> da palavra, o seu poder de aniquilar a coisa e de criar a partir do vazio.

O Complexo de Édipo

Se a psicanálise não tivesse no seu activo senão a descoberta do complexo de Édipo recalcado, isso só serviria para a situar entre as mais preciosas das novas aquisições do género humano

Freud : **Compêndio de Psicanálise**

Uma das noções mais célebres que a psicanálise ofereceu ao pensamento contemporâneo foi, sem sombra de dúvida, a de *complexo de Édipo*.

Freud descobriu o seu *complexo de Édipo* em 1897, durante a correspondência íntima que estabeleceu com Fliess³⁶. Apesar da precocidade desta descoberta, é só em 1919, no seu texto mais elaborado sobre a estrutura e a fenomenologia clínica do fantasma, **Uma Criança é Batida**, que afirma categoricamente que Édipo é o *complexo nuclear*³⁷ do psiquismo humano.

Podemos descrever o complexo de Édipo dizendo que é o sistema de representações essencialmente recalçadas que sobredeterminam as relações típicas da criança com o objecto (mãe) e o obstáculo (pai) do desejo que se gera na instituição humana da família. É ainda neste enquadramento indetectorio e relacional que pode surgir o que Freud chama de *Édipo invertido*, por exemplo, quando o menino toma o obstáculo do desejo como objecto de amor.

No rapaz, o conflito édipiano tenderá a resolver-se com a identificação ao pai, o abandono sexual da mãe e a escolha forçada de um outro objecto de amor. Esta solução conduz à admissão psíquica da relação triangular, facilita a formação futura de outras famílias e a até lá comprometida reprodução social e biológica. Na rapariga, dado que o seu primeiro objecto de amor é também a mãe, o percurso é mais sinuoso, levando muitas vezes à instalação duradoura da rapariga na casa de Édipo, que se manifesta pelo seu desejo inconsciente de ter um filho do pai.

De um modo mais geral, o complexo de Édipo é uma espécie de acidente constitucional, que leva Freud a relacioná-lo com a lei de Haeckel, a qual enuncia que a ontogénese é a repetição abreviada da filogénese. Em termos estritamente psicanalíticos, isto significa que Édipo é o destino que cada um cumpre

³⁶Na carta de 15 de Outubro de 1897 a Fliess, Freud escreve: *Encontrei em mim, como por toda a parte, sentimentos amorosos em relação à mãe e de ciúme a respeito do pai*. E, evocando o efeito cativante que o *Édipo-Rei* de Sófocles tem sobre o público, afirma: *todo o espectador foi um dia, em germe, em imaginação, um Édipo*.

³⁷Freud, S. (1991). *Uma Criança é Batida*, in *Esquecimento e Fantasma*. Assírio & Alvim, Lisboa, p. 52.

aproximadamente entre os três e os seis anos de idade, mas que recapitula a própria constituição da humanidade, dado que a lei fundamental das sociedades humanas é a proibição do incesto.

Este acontecimento estrutural é narrado por Freud de modo mítico e em três versões: a que trata da origem da personalidade psíquica, a que se refere à origem da sociedade humana (**Totem e Tabu**), e a que pensa a origem da religião (de Um Pai) como liame básico (**Moisés e o Monoteísmo**). Nesta tripla referência à origem, o complexo de Édipo revela ser também a matriz dos *fantasmas originários*³⁸.

A construção do fantasma edipiano faz Freud esbarrar com algo que já não deve ser visto simplesmente um mito, a saber, o *complexo de castração*. A castração não é um mito colectivo ou individual, como não se reduz à angústia do rapaz em perder o seu órgão genital, à inveja do pénis da rapariga, ou à recusa por ambos da diferença anatómica dos sexos. Na verdade, ela é o nome que Freud dá à falta constituinte do objecto que causa o desejo.

É esta *falta* que o *falo* simboliza para os dois sexos ao nível da vida da libido no inconsciente, e a *fala* ao nível da sublimação civilizacional. É também esta falta simbólica que o fantasma edipiano não admite, dado que identifica imaginariamente a mãe incestuosa com a causa real do desejo.

Após a reformulação cronológica da teoria dos estádios do desenvolvimento por Karl Abraham, Melanie Klein procurou aprofundar o problema dos fantasmas originários ao nível do *pré-édipiano*, em particular das *posições* (esquizo-paranoide e depressiva) do bebé nas relações precoces com o objecto parcial clivado (bom/mau seio). Mas o que ficou por explicar na sua descrição do mundo materno e simbiótico, continuamente actuante da pequena infância à idade adulta, foi a necessária contingência simbólica do limite paterno.

A Psicologia do *Self* que começou a vigorar nos Estados Unidos com Heinz Kohut nos anos 60 privilegiou o mito de Narciso ao de Édipo. Defendendo a ideia de um narcisismo normal e positivo, esta nova «psicologia» fez passar para um plano imaginário a relação com o Outro sem o qual qualquer posição narcísica do sujeito na relação de objecto seria inconcebível.

Por sua vez, Lacan limitou-se a apresentar o complexo de Édipo como a *metáfora paterna* que permitiu a Freud dar forma épica àquilo que é um efeito de estrutura: a substituição da Coisa pela Palavra. De facto, só a linguagem possibilita que as alianças sociais se sobreponham ao reino da natureza, entregue ao acasalamento e à consanguinidade; é também ela que confere ao pai real a

³⁸ Os fantasmas originários - cena primitiva, de sedução e de castração - não são apenas representações pré-históricas que vêm preencher as lacunas da verdade histórica do indivíduo. São complementos imaginários que procuram esvaziar o vazio introduzido no real pelo trauma que terá estado no começo da humanidade: o assassinato e a incorporação canibalesca do Pai da horda primitiva (Freud); ou, ainda, a encarnação (na instituição familiar) e representação (na realidade psíquica), pelo agente efectivo da proibição do incesto, do interdito que a linguagem impõe ao ser sexuado condenado a falar (Lacan).

função simbólica da castração que separa a criança do *Desejo da Mãe*, por intermédio da *significação fálica*; e é ainda a linguagem que permite atribuir ao que a religião do Deus que fala chama o *Nome-do-Pai* o poder da nomeação (baptismo) e da criação (*ex nihilo*).

O mal-estar na civilização

Inclino-me diante da objecção que não trago nenhuma consolação. Pois, é isso que todos querem, os revolucionários mais selvagens de um modo não menos apaixonado que os mais bravos piedosos

Freud: **Mal-Estar na Civilização**

Mal-Estar na Civilização (1929) é um texto onde Freud procura rasgar o véu de todas as ilusões. Não existe nada que aí resista: nem a crença, o ascetismo e os cerimoniais religiosos, nem os ideais inatingíveis e enganadores da política, nem o proselitismo do pedagogo, nem a partilha interessada da fantasia artística, nem o rigor quase paranóico da ciência.

Específica do ser humano, a *Civilização* <*Kultur*> é o resultado da substituição do instinto pela Lei (linguagem, pai édipiano). Perda deste modo a relação directa com o que seria a pura natureza, a história da civilização mostra os caminhos que os homens e as mulheres foram seguindo, mediante o que lhes foi proibido e consentido, das circunstâncias e das mudanças tecnológicas.

Civilização é ainda tudo (da vergonha ao pudor, do trabalho ao lazer, da beleza à ordem, do crime ao castigo) o que a humanidade criou para se proteger do sofrimento causado pela deterioração do corpo, as dificuldades do mundo e os défices das relações sentimentais e intelectuais. Ela reflecte finalmente o que cada ser humano tenta para ultrapassar, através de todos os meios ao seu alcance, inclusive a crueldade e a morte, o desejo interdito que resulta da perda originária.

Foi a guerra de 1914-18 – onde se misturaram mentiras oficiais, valores heróicos, espírito de sacrifício e barbárie – que melhor mostrou a Freud o real que os europeus mais civilizados gostariam de esquecer, o da pulsão de morte, na sua íntima relação com o sintoma que a sublimação não conseguiu reduzir a zero. *Mal-estar na civilização* pode, então, traduzir-se por *sintoma na sublimação*.

Mal-Estar na Civilização é também um tratado de ética, no qual podemos ler como a psicanálise se afasta das morais antigas e modernas. Com efeito, a psicanálise não pauta a sua acção pelo Soberano Bem, o amor a Deus e ao próximo, o utilitarismo burguês, a esperança comunista da partilha da propriedade, nem mesmo pela nova forma de imperativo categórico que o Supereu impõe ao Eu.

A ética da psicanálise deixa-se guiar pelo que há de mais real para o ser falante, esse inominável e inimaginável que Freud chamou *Isso* (após Groddeck), mas que o sintoma pós-analítico identifica ainda melhor.

Assim, a clínica psicanalítica apenas se pode manter como nova ética enquanto não desistir de dizer bem aquilo que, ao nível de cada sintoma, é o *suplemento de gozo* (termo que traduz o *Lustgewinn* de Freud e o *plus-de-jouir* de Lacan).

Um passaporte para o futuro

Este lugar faz languescer o próprio Ser. Chama-se gozo, e é aquilo cuja falta tornaria o universo vazio

Lacan: **Subversão do sujeito e dialéctica do desejo**

Não se pode reduzir o futuro da psicanálise a uma modificação do artifício poltrona-divã, a uma mudança das categorias psicopatológicas, à defesa do exercício da profissão pelos homossexuais ou à exportação da sua técnica para a China³⁹.

O futuro da psicanálise estando estruturalmente ligado aos fins que decorrem do seu princípio e meio de acção, a questão que se coloca é a de saber o que são estes fins.

É no testamento intitulado **Análise Terminável e Interminável** que o inventor da psicanálise aborda o problema com maior rigor. Em primeiro lugar, Freud interroga se, quando falamos de *fim da análise*, nos estamos a referir a um fim externo (diversas tentativas da sociedade para acabar com a psicanálise, pedidos para encurtar a longa duração do tratamento, interrupção deste por partida ou morte de alguém, etc.) ou a um fim interno (essencialmente fim psicoterapêutico e fim didáctico).

É sobretudo quando se trata de formar um analista que a análise deve ser prosseguida para além do princípio do prazer. Se Freud insiste sobre este ponto é também porque sabia que os seus alunos tinham decidido eliminar da psicanálise a pulsão de morte; mas como a análise não se faz face à morte, nem com um morto, Freud conclui que aquilo que todos rejeitavam era a *castração*. Por esta razão, aconselhou-os a voltar de vez em quando ao divã.

Efectivamente, o interminável das análises não só prejudica os analisandos como abre mais facilmente a porta aos conflitos entre os analistas e às suas crises institucionais. Foi isto que se passou na história da psicanálise, antes mesmo da fundação da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), em 1910, e da demissão do seu primeiro Presidente, Jung, quatro anos depois. A situação agravou-se ainda quando a IPA se transformou naquilo que Lacan chamou a SAMCDA, a Sociedade de Assistência Mútua Contra o Discurso do Analista.

Para dissipar a confusão que reina sobre os fins da análise, devo sublinhar

³⁹ Propósitos de E. Roudinesco nos *États Généraux de la Psychanalyse* (*Le Monde*, 9 de Julho de 2000).

o seu fim didáctico e distinguir o que aí se apresenta como conclusão lógica e testemunho sintomático.

A análise só é interminável se a pensarmos como uma infinita exploração do inconsciente. De facto, mesmo depois de cumprido o objectivo psicoterapêutico existe sempre um sonho ou um lapso para interpretar. Foi deste modo que muitos pós-freudianos continuaram a promover essa auto-análise disfarçada, sob controlo ou supervisão, que é a *análise da contratransferência*.

Mas como a contratransferência não designa nada que não esteja já incluído no complemento que o analista traz ao sintoma do analisando como *sujeito suposto saber e objecto de amor*, a análise continua a ser análise da transferência; com a condição que o analista esteja preparado para exercer a profissão com outros meios que não os dos seus sentimentos e conceitos, o que apenas pode acontecer quando a sua própria análise é levada do princípio até às últimas consequências, isto é, se torna realmente didáctica.

É para três conclusões lógicas que se podem retirar do único princípio da *talking cure* que Lacan chamou a atenção. Entre os anos 50 e 60, partindo da *função e campo da fala e da linguagem* sob transferência, Lacan ensinou que o sintoma analisável é o significante do significado recalçado pela consciência. Por conseguinte, cabe à interpretação analítica extrair este significante das imagens mórbidas onde está mergulhado e anular o sofrimento associado ao pedido de ajuda e de amor endereçado ao analista. É a solução significante que conduz aqui à dissolução do sintoma; é ela que permite ao desejo censurado superar as particularidades idiossincráticas e realizar-se na dimensão universal da comunicação. O fim do diálogo analítico é, então, concebido como reconhecimento, pelo Outro e pelo sujeito, da indestrutibilidade do desejo que os relaciona.

Entre os anos 60 e 70, Lacan abandona progressivamente o tema do reconhecimento histórico-dialéctico do desejo, para estudar mais rigorosamente a estrutura da representação significante e a lógica do fantasma. A definição psicanalítica do significante como *o que representa o sujeito para um outro significante* permite conceber o sujeito do inconsciente como um vazio cujo ser apenas vem à fala barrado (\$). Nesta nova axiomática, já não é o reconhecimento do Outro que é objecto do desejo, mas o ser que falta ao sujeito. Perante a miragem da união do sujeito dividido e do seu ser em queda, a análise visa construir o fantasma fundamental, para poder atravessar o écran que encobre o real do objecto perdido, verdadeira causa do desejo. Para além da castração simbólica, o fim lógico da análise é então pensado como separação real entre o sujeito do significante e o objecto do fantasma que fixava imaginariamente para ele a unicidade do seu ser.

É o sentido deste ser que Lacan vai assediar a partir dos anos 70, reinterrogando o gozo sem o qual o universo seria vão.

O tema do gozo encontra-se presente desde o começo do seu ensino, mas por razões diversas não é colocado no primeiro plano até a esta data. Porém, podemos encontrá-lo já na captação jubilatória da imagem especular (**O Está-**

dio do Espelho)⁴⁰, no que permanece interdito a quem fala (**Subversão do Sujeito e Dialéctica do Desejo**)⁴¹, ao nível da origem mítica e da procura heróico-trágica da Coisa (**Seminário VII**)⁴², na estranheza familiar da angústia (**Seminário X**)⁴³, nos produtos de consumo como a arte (**Seminário XI**)⁴⁴, ou na heterogeneidade do objecto (a) no interior dos laços sociais tecidos pelos Discursos (**Seminário XVII**)⁴⁵.

A grande novidade da última etapa do ensino de Lacan consiste no seguinte: enquanto o reconhecimento do desejo e a representação significativa se encontravam na dependência do Outro da intersubjectividade e do código, o gozo é gozo de Um só.

Sempre fiel ao princípio da *talking cure*, Lacan vai levá-lo agora até às suas derradeiras consequências, concluindo que, para cada um, o significativo não tem só efeitos de sentido <ens>, mas também de gozo <jouissance>.

Esta conclusão permite atar de um outro modo o sintoma freudiano – *signo e substituto da satisfação pulsional que não ocorreu*⁴⁶ – e a sublimação enquanto *satisfação da pulsão*⁴⁷. Um termo forjado por Lacan na sua leitura de Joyce – o *sinthoma* <*sinthome*> – deixa entender como o sintoma-signo se une à criação que a língua propicia.

Sem entrar na topologia e na clínica do *sinthoma* elaboradas por Lacan nos últimos anos do seu ensino, posso dizer que a pequena diferença gráfica, não fonética, introduzida por ele na palavra *sintoma*, permite destrinçar entre o sintoma como mensagem endereçada ao Outro da transferência, logo interpretável e analisável, e o sintoma sem Outro, ininterpretável e inalisável.

O *sinthoma* não é o sujeito do significativo, mas o *sujeito do gozo*, como Lacan lhe chamou um dia para o diferenciar daquele que está submetido à lei da linguagem e do pai édipiano. Mas como falar de sujeição à lei a este propósito é uma *contradictio in adjecto*, Lacan prefere referir a suposição do gozo ao corpo.

O gozo é o do corpo pulsional. Este não se reduz ao organismo. Trata-se do corpo que se é e se tem, mas enquanto é forçado a incorporar o *elemento* significativo e a gozar parcialmente da sua *substância*.

Evocar aqui uma *substância* é separar-se definitivamente da definição formal e diacrítica do significativo. Com efeito, Lacan deixará de conceber a linguagem segundo o modelo da estrutura dos linguistas, para ver nela o *aparelho do gozo*⁴⁸.

⁴⁰ Lacan, J. (1966). *Écrits*. Seuil, Paris, p. 93.

⁴¹ Lacan, J. *ibid*, p. 793.

⁴² Lacan, J. (1986). *L'éthique de la psychanalyse*. Seuil, Paris.

⁴³ Lacan, J. (2004). *L'angoisse*, Seuil, Paris.

⁴⁴ Lacan, J. (1973). *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Seuil, Paris.

⁴⁵ Lacan, J. (1991). *L'envers de la psychanalyse*. Seuil, Paris.

⁴⁶ Freud, S. (1951). *Inhibition, symptôme et angoisse*. PUF, Paris, p. 7.

⁴⁷ Freud, S. (1990). *Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci*. Relógio de Água, Lisboa, p. 31 e 35. Freud afirma neste texto que a pulsão sexual pode conduzir à sublimação que subtrai a libido ao destino que lhe daria o recalamento.

⁴⁸ Lacan, J. (1975). *Encore*, Seuil, Paris.

O erro anterior fora de pensar que a linguagem servia sobretudo para reconhecer, representar, comunicar ou tornar comum. Nem sequer se trata agora de lembrar que a linguagem é um péssimo instrumento de referenciação, mas de insistir sobre o facto que ela é um excelente meio do gozo.

Em particular pela possibilidade de nomear que outorga a quem fala, a linguagem condiciona o sentido que se vai dando aos pequenos nada da vida⁴⁹. Mas o sentido do sentido é o gozo <le sens du sens c'est la jouis-sens>.

Há efectivamente um gozo da língua que não se insere nas cadeias significantes, que não entra em nenhuma dialéctica com o Outro (sexo), mas que se sente. Podemos encontrar este gozo sentido por todo o lado: no *babyish*, na interpretação delirante, no tagarelar e mexericos que animam as conversas quotidianas, na associação livre verbal.

Não é a matéria sonora, mas a matéria muda, literal da escrita que melhor materializa as inscrições não-subjectivas do significante na carne, os seus afectos acéfalos de gozo. Relativamente a estas impressões corporais, Lacan prefere falar de *signo* em vez de significante. Se o significante representava o sujeito esvaziado do seu ser, o signo lacaniano apresenta este ser para além da mortificação significante, como acontecimento do corpo.

Dado que a incorporação dos signos se faz num corpo, o gozo é sempre *sinthomático*, ou seja, cada um se goza gozando o corpo à sua maneira. É com este último suporte de todas as identidades e diferenças que atingimos o incurável do *parlêtre*⁵⁰ que é o OMEM <LOM>⁵¹.

Para além da *travessia do fantasma*, Lacan evoca, então, o fim da análise como *identificação ao sintoma*, precisando que trata de se haver com o real sinthomático ou de saber lidar com o que este tem de *insuportável*.

Mas é a modalidade lógica do real como *impossível* que indica que o gozo do sintoma não se partilha, logo, que os analisados não podem submeter-se a um Amo ou a um Mestre, nem esposar o sentido comum que inspira a lei do grupo, ou o bom senso com que opera a sugestão.

⁴⁹O sentido <Sinn>, tal como chega da filosofia alemã ao pensamento francês do final dos anos 40, é algo que transcende a vida do soma e da psique, remetendo para o que uns chamam *Deus* (Gabriel Marcel, Theillard de Chardin, etc.), outros o *Ser* dos entes (os heideggerianos), outros a *História* (hegelianos, marxistas, etc.), outros, ainda, a *Liberdade* (Sartre). A posição psicanalítica e científica de Lacan face a este sentido pré-verbal e sempre religioso é a seguinte: recorrendo à antropologia de Lévi-Strauss e à linguística de Saussure, mostra que o sentido <sens> é efeito de significado <signifié> e este um efeito do significante <signifiant>. É a partir da estrutura significante da linguagem ou do primado da ordem simbólica sobre o imaginário e o real que Lacan desenvolve o seu ensino na década de 50. Na conferência que pronuncia em 1958 na Alemanha, intitulada *Die Bedeutung des Phallus*, ele liga *logos* e *libido*, fazendo do falo o significante do desejo do ser falante, bem como do que este obtém ao nível do real da pulsão sexual. Pouco a pouco, apoiando-se na distinção de Frege entre *Sinn*, o sentido de uma proposição, e *Bedeutung*, a sua referência, Lacan explicará que a significação fálica se refere ao gozo, ou que o falo é o significante do gozo (aquilo que do gozo se pode apanhar com o significante).

⁵⁰Termo que Lacan compõe a partir de *parole*, *être*, *paraître* e *lettre*, e que substitui no pensamento contemporâneo o *dasein* de Heidegger.

⁵¹Neologismo forjado por Lacan à maneira das homofonias de James Joyce, para substituir o Homem do Humanismo e do Existencialismo.

Um a Um, os analistas podem constituir uma série, mas não uma família e ainda menos uma Sociedade. O melhor que lhes pode acontecer é formarem um colar de diamantes, de pedras brutas que se tornem preciosas após um árduo e específico trabalho, que produza também o furo por onde passa o fio que ata.

Mas não existe só a formação do sintoma. Quando é a prática da psicanálise que interessa, cada sujeito que chegou à conclusão lógica da sua análise deve ainda testemunhar aos seus pares da sua solidão sinthomática, não para que se possa escutar a anedota de uma vida, mas para que o Outro analítico constate realmente que há Um. Para tal, este Outro deve ser inconsistente e incompleto, um Outro a quem falta sempre (saber o que é) Um analista.

Uma Escola de psicanálise digna deste nome necessita dos testemunhos destes Uns, para poder garantir publicamente o futuro analista; mas também para poder contar com a *transferência de trabalho* dos *menos-uns* que se tornaram *mais-uns*, ou seja, com o saber analítico que deverão inventar os *Analistas da Escola*.

É para sair do impasse em que entraram os analistas da IPA que Lacan criou uma base de operações para a reconquista do campo freudiano, propôs um dispositivo para verificar o termo de cada análise, o *passé*, e pô-lo a funcionar na sua Escola⁵², o que provocou outras resistências à psicanálise, com as quais se confrontará ainda o século XXI.

ADENDA

A Psicanálise no Mundo e em Portugal

A Psicanálise no Mundo

O sujeito da psicanálise não é o indivíduo autónomo, possuidor de livre-arbítrio. Porém, para que este possa saber algo da sua alienação constituinte, é necessário que a sua fala seja totalmente livre, cláusula que só encontra uma garantia objectiva em países que salvaguardam constitucionalmente a liberdade de expressão.

Assim, não é por acaso que seja nas democracias ocidentais que o movimento psicanalítico se tenha podido implantar e desenvolver, sobretudo graças aos grupos que se formaram sob a égide da Associação Psicanalítica Internacional (IPV), criada por Freud e Ferenczi em 1910, e dominada desde a II Grande Guerra Mundial pelo potentado anglo-americano (localizado essencialmente no eixo Londres/Nova York/Chicago), que lhe dará o nome pela qual é hoje conhecida, *International Psychoanalytical Association* (IPA).

⁵²Inicialmente na Escola Freudiana de Paris: Após a dissolução desta por Lacan, o *passé* continuará a funcionar na Escola dos alunos que levam o seu ensino para diante, em particular, na Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

Para sair do gueto de Viena e mostrar o carácter universalista da psicanálise àqueles que começavam a apelidá-la de «ciência judia», Freud achou por bem colocar o cristão Jung na Presidência da IPA.

Jung não era propriamente um psicanalista, mas um jovem psiquiatra suíço entusiasmado pela invenção freudiana. A escolha de Freud não agradou muito aos seus alunos vienenses; e Jung acabou por confirmar esse descontentamento, não só devido às suas especulações teóricas e ao seu compromisso com o nacional-socialismo, como pelo seu abandono da IPA e da psicanálise.

A patologia institucional gerada pela confusão entre problemas científicos e políticos levou, em 1913, à criação de um Comité Secreto (formado por Freud, Ferenczi, Rank, Sachs, Abraham e Jones, ao qual se veio juntar, em 1919, Eitington), que instaurou normas para a análise dos candidatos a analistas e a sua supervisão.

Depois da dissolução deste Comité e a criação do Instituto de Berlim por Eitington, a Internacional tornou-se cada vez mais um instrumento de uniformização, que foi obliterando mais ou menos explicitamente as diferenças linguísticas, nacionais e individuais.

Após a morte do pai fundador e com o fim da II Guerra Mundial foram surgindo reacções ao controlo total que a IPA exercia sobre a psicanálise, resistências a que muitas vezes se quis atribuir interesses pessoais ou regionais, mas que tiveram sobretudo a ver com uma organização extremamente hierarquizada, a formulação de regras *standard* para a direcção da cura-tipo e a formação do psicanalista, e a pressão para impor os estatutos que deviam reger as instituições em cada país.

Todavia, qualquer que seja a concepção que se faça dentro ou fora da IPA do modo como esta geriu a herança freudiana, o que se verificou é que a psicanálise necessita sempre de um Estado de direito e de pelo menos duas vias de penetração: a médica e a cultural.

Quando a psicanálise entra num país pela via da medicina, instala-se normalmente no terreno da psiquiatria, estende-se para a psicologia e tende para o pragmatismo terapêutico. Quando a psicanálise penetra pela via cultural, torna-se muitas vezes uma disciplina académica, uma pseudo-filosofia, ou um instrumento de estudos literários de onde quase toda a experiência clínica é evacuada.

A conjugação destas duas tendências com a psicanálise propriamente dita nem sempre se pôde realizar devidamente. Entre todos os países em que tal se efectuou, foi certamente em França que se atingiu o mais alto nível, graças ao ensino de Jacques Lacan, ele mesmo psiquiatra clássico, exímio orador e escritor, intelectual extremamente culto, *leader* carismático e psicanalista original.

Apesar dos seus cerca de 7000 terapeutas, repartidos por 30 países e 72 Sociedades, a IPA já não é hoje em dia o único veículo da transmissão da doutrina freudiana, nem a única instituição capaz de garantir a formação do psicanalista, como reconheceu finalmente o seu penúltimo Presidente, Horacio Etchegoyen

(cf. Entrevista com Jacques-Alain Miller e R. Horácio Etchegoyen: *Silence Broken*, [wttp://www.ilimit.com/amp/english/vertex.htm](http://www.ilimit.com/amp/english/vertex.htm)).

Sobretudo a partir da *excomunhão* de Lacan pela IPA – acontecimento que provocou a segunda cisão do movimento psicanalítico francês (1963) e levou à fundação da Escola Freudiana de Paris (1964) –, uma orientação lacaniana foi progressivamente trilhando o seu caminho no campo desbravado por Freud. Ela penetrou noutros países (primeiramente na Bélgica, Espanha, Itália, Argentina, Venezuela e Brasil) e acabou por dar origem, em Janeiro de 1992, à criação, por Jacques-Alain Miller, da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), que compreendia, segundo o seu Anuário de 1995, cerca de 600 membros repartidos por 20 países, 5 Escolas e 30 grupos.

A principal consequência do cisma iniciado em 1963 é que o movimento psicanalítico internacional ficou por largos anos dividido entre lacanianos e não lacanianos. Contudo, assiste-se hoje, dentro e nas margens das Sociedades da IPA, ao aparecimento de psicanalistas que procuram fugir à esclerose técnica e doutrinária que se seguiu à morte dos grandes mestres que viveram em Londres (Anna Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott), recorrendo a autores como Bion, Kohut e Kernberg, ou estudando mais ou menos clandestinamente Lacan, para encontrar uma nova seiva de vida. Por outro lado, alguns lacanianos têm tentado desde há alguns anos aproximar-se de membros da IPA, para trocar informações e obter vantagens. Falta de princípios dizem uns, tentativa de diálogo dizem outros. O que podemos constatar é que este *new deal* não foi até agora um *great deal*.

Independentemente dos problemas internos dos psicanalistas, aquilo que se vislumbra presentemente no mundo é sobretudo o ressurgimento da anti-psicanálise, em particular nas duas vias acima indicadas: a psiquiatria está cada vez mais enfeudada no discurso da ciência, da genética à psicofarmacologia; a psicologia dominante, isto é, a que estuda o comportamento (emotivo, cognitivo, etc.), prefere dialogar com os cientistas do cérebro que com os psicanalistas; e a cultura civilizada voltou outra vez as costas à psicanálise, para se lançar em novas interrogações que pretensamente a dispensam.

Mas apesar do aspecto «seita» denunciado por outras «capelas», a psicanálise cresce, havendo cada dia mais pessoas interessadas por ela.

A Psicanálise em Portugal

Está ainda por fazer uma verdadeira História da Psicanálise em Portugal; razão pela qual me limitarei aqui a colocar alguns marcos e a traçar algumas pistas.

Começemos pela pré-história. Se deixarmos de lado José Custódio de Faria (1776-1819), Abade português que se tornou um dos pioneiros do hipnotismo em França, podemos dizer que o interesse moderno pela psicologia começou entre nós durante a República, quando foram criadas, nas Faculdades de Le-

tras, aulas de Psicologia Experimental para apoiar a formação de professores, considerados pela ideologia da época como os verdadeiros reformadores do Homem e da Sociedade. Foi ainda neste quadro, que pedagogos como António Sérgio, futuro Ministro da Instrução, foram enviados como bolseiros para o Instituto Jean-Jacques Rousseau em Genebra para perfazerem a sua formação.

A Psiquiatria foi também uma disciplina acarinhada pelos republicanos, não só devido à sua contribuição para a salubridade pública, como pelo facto de muitos psiquiatras partilharem as ideias liberais, caso de Miguel Bombarda, Director do Manicómio de Lisboa, grande figura da Maçonaria e Chefe Civil da Revolução de 5 de Outubro.

Mas o primeiro político republicano a interessar-se explicitamente pela psicanálise foi o neurologista e futuro Prémio Nobel António Egas Moniz (1874-1955), que, a partir de 1915, deu lições sobre Freud na Faculdade de Medicina de Lisboa. Em 1921, num artigo intitulado *O Conflito Sexual*, Egas Moniz revela mesmo ter utilizado (sem análise pessoal) o divã, a associação livre e a interpretação dos sonhos; e a partir de 1924, comprova o seu interesse pela «psicanálise aplicada», publicando textos sobre o Abade Faria, Júlio Dinis e Camilo Castelo Branco. Além de Egas Moniz, sabe-se ainda que psiquiatras como Sobral Cid, Pulido Valente, ou Diogo Furtado, mostraram curiosidade pela compreensão psicanalítica das doenças mentais.

No que diz respeito a um interesse não directamente clínico pela psicanálise, descobriram-se recentemente quatro cartas de resposta (datando dos anos 1924-29) de Freud a Abel de Castro, seminarista e professor de liceu que preparava um volume sobre **A Valorização Do Esforço**. E é um facto bem conhecido hoje que Fernando Pessoa, João Gaspar Simões e Fernando Namora foram leitores de Freud. Em resumo: para além de todos aqueles que no começo e meados do século desenvolveram especulações sobre as relações entre o santo, o génio e o louco, ou entre o homossexual e o artista, sabe-se que houve um certo número de médicos e intelectuais portugueses que foram seduzidos pelas ideias freudianas, mas que tal atracção à distância não teve consequências clínicas e culturais relevantes no nosso país.

Por outro lado, no seu combate contra as *almas dilaceradas pela dúvida e o negativismo do século*, o Estado Novo, a Igreja Católica e as *peçoas de bem* sempre foram hostis ao que se chamou a *obsessão libidinosa* de Freud e o *pansexualismo* da psicanálise; são disso provas manifestas a preventiva «Nota explicativa da intenção do tradutor» de Osório de Oliveira, quando da publicação, na Ática e em 1932, do primeiro livro de Freud em Português (**Os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade**), ou o ensaio sobre **A Psico-Análise e a Educação Moral** que António Serras Pereira publicou no mesmo ano.

Orgulhosamente sós, sem envolvimento nas práticas nem acesso directo às obras sobre as quais se poderia fundar uma opinião justa, os portugueses fizeram sobretudo da psicanálise, até aos anos 50, um lugar comum de riso e polémica.

III - QUAIS SÃO OS "EPISTEMAS-PARADIGMAS PRIMORDIAIS" DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO? 673

A partir dos anos 50, alguns médicos portugueses estabelecem residência no estrangeiro no intuito de fazerem a sua formação psicanalítica. Entre estes, encontram-se Francisco Alvim e Pedro Luzes (que fazem o seu treino em Genebra), João dos Santos (Paris) e Eduardo Luís Cortesão (Londres), que importará também para junto de nós a técnica grupanalítica.

São Francisco Alvim e Pedro Luzes que se encarregam dos primeiros tratamentos analíticos praticados no nosso país e introduzem definitivamente a psicanálise em Portugal. Juntamente com dois colegas de Espanha, formam a Sociedade Luso-Espanhola de Psicanálise (1957) e, uma vez esta extinta, criam o Grupo de Estudos que dará origem à Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP, 1971), da qual assumem, respectivamente, os cargos de Presidente e Secretário (cabendo a João dos Santos a função de Vice-Presidente).

Para passar de Sociedade Provisória (1977) a Sociedade Componente (1981) da Associação Psicanalítica Internacional, a SPP teve de respeitar as regras por esta estabelecidas (por exemplo: apenas eram admitidos candidatos médicos como membros de uma Sociedade autónoma), e receber a visita regular de conselheiros e colaboradores estrangeiros (na sua maioria francófonos) como Raymond de Saussure, René Diatkine, Pierre Luquet, Pierre Marty, ou Serge Lebovici.

À partida, apesar de um certo número de iniciativas levadas a cabo para se fazerem conhecer publicamente, os psicanalistas portugueses mantiveram-se discretos. De facto, mesmo se dissiparam algumas das dúvidas existentes quando obtiveram o reconhecimento das autoridades oficiais por Parecer Científico dos Professores de Psiquiatria de Lisboa, Porto e Coimbra, e das três Secções Regionais da Ordem dos Médicos, eles encontravam-se numa conjuntura política desfavorável, confrontados com inúmeras dificuldades burocráticas, e em oposição a todos os que tinham aplaudido o «auto da fé» nazi de Berlim.

A aparição científica a nível europeu surge apenas em 1968, quando o então denominado Grupo de Estudos Psicanalíticos Português foi encarregado de organizar o 19.º Congresso dos Psicanalistas de Línguas Românicas.

Mas é só com o 25 de Abril de 1974 que a SPP pôde começar a alargar as suas iniciativas ao nível da clientela privada, assim como pôr a funcionar em Lisboa o seu Instituto de Psicanálise (1975). Pouco a pouco, com a Revolução dos Cravos, o panorama muda: o ensino da psicanálise consegue penetrar nas Universidades e no Instituto Superior de Psicologia Aplicada; Simpósios e Colóquios são organizados regularmente, e um «órgão» da Sociedade - *A Revista Portuguesa de Psicanálise* - começa a vir a lume em 1985. A SPP - então representante única e credenciada da psicanálise em Portugal - recolhe os frutos que prudentemente semeou, acabando por dominar todas as instituições e sectores socio-profissionais abertos à palavra de Freud.

Depois dos amistosos diferendos entre freudianos «clássicos» (Francisco Alvim, João dos Santos) e kleino-bionianos (Pedro Luzes), o ensino de Bion acabou por vingar na SPP e oferecer uma língua comum aos seus membros, em

grande parte graças ao mais eclético e mediático dos seus analistas didactas, Carlos Amaral Dias.

A SPP venceu a sua acção nas áreas da psicanálise de crianças (onde à obra que João dos Santos e António Coimbra de Matos levaram a cabo no Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil de Lisboa se veio juntar o ensino de Florence Bégoin, Jean Bégoin e Annie Anzieu), da profilaxia da toxicoddependência, da psicologia e política da Saúde (onde se destacou o primeiro Presidente da Associação Portuguesa de Saúde Mental, Jaime Milheiro), da Educação, da Justiça e dos Serviços Sociais.

É só no fim dos anos 60 que o pensamento de Lacan penetra na Faculdade de Letras de Lisboa, pela via do «estruturalismo», graças a Eduardo Prado Coelho e alguns outros professores universitários, como Maria Alzira Seixo, sob a responsabilidade da qual se vai efectuar a primeira tradução nacional de um texto do célebre psicanalista francês (**O Estádio do Espelho in O Sujeito, o Corpo e a Letra**, Arcádia, 1977). Apesar do interesse relativo que Lacan despertará nesta época em certos intelectuais da nossa praça, o certo é que – se exceptuarmos algumas escassas citações ao nível da filosofia e do jornalismo – nenhum ensaísta, poeta, romancista ou artista português dará a devida importância ao que este ensinou (ao contrário do que aconteceu em muitos outros países).

É Maria Belo, membro da antiga Escola Freudiana de Paris, a primeira a animar, durante os anos 70, um pequeno grupo de inspiração lacaniana, denominado Percurso Freudiano, no qual participaram, entre outros, Eduardo Prado Coelho, José Gabriel Pereira Bastos e Brigitte e Tito Cardoso e Cunha. Em colaboração com a Editora Assírio & Alvim, lançam a colecção «Pelas bandas da psicanálise», traduzindo para esta **A Família e O Mito Individual do Neurótico**. Este primeiro grupo dissolveu-se rapidamente, arrastando atrás de si e durante mais de dez anos todo o real interesse por Lacan em Portugal.

Deste modo, foi só depois do meu regresso a Lisboa, após vinte anos de estadia em Paris, onde realizei a minha formação universitária e psicanalítica, que foi fundada, em Fevereiro de 1988, a primeira Associação destinada a promover explicitamente os significantes de Lacan em Portugal, a Antena do Campo Freudiano (cf. página ACF: <http://usuarios.lycos.es/acfportugal/acfportugal>). Num primeiro momento, como o seu nome sugere, a Antena dedicou-se essencialmente a receber e difundir informações provenientes da transferência de trabalho de todos aqueles que seguem uma orientação psicanalítica rigorosamente lacaniana nos quatro cantos do planeta. Após a constituição de um núcleo de trabalhadores decididos, a ACF começou a formar novos psicanalistas, capazes de erguer em Portugal as bases de uma futura Escola Lacaniana. As actividades culturais da ACF são actualmente de três tipos: animação de Seminários de estudos psicanalíticos, organização de Ciclos de Conferências internacionais, edição de publicações regulares (traduções, livros, uma revista e uma folha informativa) e participação em vários projectos de investigação, um deles reconhecido pela FCT.

Através da criação do Centro de Estudos de Psicanálise da ULHT, a ACF pôde também instalar o ensino de Lacan na Universidade privada portuguesa, que precedeu nesta área a Universidade estatal e concordatária. São essencialmente membros da ACF, como João Peneda e José Manuel Rodrigues Alves (o primeiro a defender em Portugal, sob a direcção de Acílio Estanqueiro Rocha, uma tese de doutoramento sobre Lacan), que farão que este ensino penetre posteriormente na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, no Instituto Politécnico de Bragança, ou na Universidade de Braga.

Quatro anos depois da fundação da ACF, Maria Belo cria um novo grupo em Lisboa, o Centro Português de Psicanálise, que ficará vinculado à Associação Psicanalítica Internacional, um dos sucedâneos da dissolução por Lacan da Escola Freudiana de Paris.

Com este duplo movimento, uma alternativa à SPP começou a firmar-se em Portugal, mesmo se ainda são muito poucos aqueles que trabalham o ensino de Lacan com uma paixão propriamente psicanalítica.

Resta lembrar que existem ainda gravíssimas falhas de informação no nosso país relativas às obras de Freud e dos seus continuadores, lacunas que continuam a alimentar a polémica dos leigos em torno da psicanálise, mas também o uso e abuso que alguns dos nossos mais conhecidos psicanalistas fazem do vocabulário de Freud.

Bibliografia

A obra de Freud, traduzida actualmente em 30 línguas, é composta por 24 livros, 123 artigos e 5000 cartas já encontradas. Existem duas edições «completas», os *Gesammelte Schriften* e as *Gesammelte Werke* (obra de referência, publicada primeiramente em Londres e depois em Frankfurt). A única edição crítica continua a ser a *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, publicada por James Strachey. Roger Dufresne recenseou ainda os 23 artigos que Freud escreveu entre 1877 e 1886, não integrados nas Obras, por serem considerados pré-analíticos.

Existe também uma *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud* (24 vols., Imago, Rio de Janeiro, 1977).

Obras de Psicanálise e afins publicadas em Portugal

Traduções da obra de Sigmund Freud

FREUD, Sigmund. (1974). *Psicopatologia da vida quotidiana*. Lisboa: Estúdios Cor.

FREUD, Sigmund. (1979). *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70.

FREUD, Sigmund. (1988-89). *A interpretação dos sonhos*, 3 vols. Lisboa: Pensamento.

FREUD, Sigmund. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise, o inconsciente, os sonhos e a vida pulsional*, vol. I. Mem Martins: Europa-América.

- FREUD, Sigmund. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise, a teoria da sexualidade*. Vol. II, Mem Martins: Europa-América.
- FREUD, Sigmund. (1989). *Textos Essenciais da Psicanálise, a estrutura da personalidade psíquica e a psicopatologia*, vol. III. Mem Martins: Europa-América.
- FREUD, Sigmund. (1990). *Moisés e a religião monoteísta*. Lisboa: Guimarães.
- FREUD, Sigmund. (1990). *Moisés e o monoteísmo*. Lisboa: Relógio D'água.
- FREUD, Sigmund. (1990). *Psicopatologia da vida quotidiana*. Lisboa: Relógio D'água/Círculo de Leitores.
- FREUD, Sigmund. (1990). *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*. Lisboa: Relógio D'água/ Círculo de Leitores.
- FREUD, Sigmund. (1991). *Esquecimento e Fantasma*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- FREUD, Sigmund. (1995). *Delírio e sonhos na Gradiva de Jensen*. Lisboa: Gradiva.
- FREUD, Sigmund; EINSTEIN, Albert. (1997). *Porquê a guerra?* Lisboa: Edições 70.
- FREUD, Sigmund. (1994). *Textos Essenciais sobre Literatura, Arte e Psicanálise*. Mem Martins, Europa-América.
- FREUD, Sigmund. (2004). *Totem e tabu*. Lisboa: Relógio D'água.
- FREUD, Sigmund. (2005). «Sobre o Ensino da Psicanálise na Universidade» in *Afreudite, Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas (<http://afreudite.ulusofona.pt/>).

Traduções da obra de Jacques Lacan

- LACAN, Jacques. (1977) [com outros autores]. *O sujeito, o corpo, e a letra: ensaios de escrita psicanalítica*. Lisboa: Arcádia.
- LACAN, Jacques. (1981). *A família*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- LACAN, Jacques. (1986). *Joyce o sintoma*. Coimbra: Escher.
- LACAN, Jacques. (1986). *Os escritos técnicos de Freud: Seminário I (1953-54)*. Lisboa: D. Quixote.
- LACAN, Jacques- (1987). *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- LACAN, Jacques. (1989). *Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- LACAN, Jacques. (1993). «O estádio do espelho» in *Assédio*, nº 1. Oeiras: Celta.

Sobra a história da Psicanálise em Portugal

- ALVIM, Francisco. (1979). «Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade», Conferência no I Congresso Português de Psiquiatria da Adolescência. Figueira da Foz, 8-11 de Novembro de 1979.
- CID, J.M.Sobral (1924). «A Vida Psíquica dos Esquizofrénicos, Pensar Autista e Mentalidade Arcaica». Lisboa: Jornal da Sociedade de Ciências Médicas, 88, 180-236.
- FERNANDES, Barahona. (1967). «Parecer Sobre o Reconhecimento Oficial da Sociedade Portuguesa de Psicanálise». Lisboa: Ministério da Educação Nacional.
- FREUD, Sigmund. (1972). «Quatro Cartas a Abel de Castro» in *Análise Psicológica*, I: 7-12. Lisboa: ISPA.
- FURTADO, Diogo. (1959). «Psicanálise e sua Situação entre Nós». Lisboa: Jornal do Médico, XL: 293-302.

- LARANJEIRA, Manuel. (1986). *A Doença da Santidade*, Prefácio de Maria Belo, Lisboa: Editorial Labirinto.
- LIMA, Sílvio. (2002). *Obras Completas*, dirigidas por José P. Ferreira da Silva, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2 vol.
- LUZES, Pedro. (2002). *Cem Anos de Psicanálise*. Lisboa: ISPA, 2ª ed.
- MARTINHO, José. (2001). «A Psicanálise no Mundo e em Portugal» in *Freud & Co*, Coimbra: Almedina.
- MARTINHO, José. (2003). «Sobre a Recepção de Freud em Portugal» in *Metacrítica* n.º 3, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- MONIZ, Egas. (1902). *A Vida Sexual (Fisiologia e Patologia)*. Lisboa: Ática, 1.ª ed.
- MONIZ, Egas. (1915). «As Bases da Psicanálise». Lisboa: A Medicina Contemporânea, 33, 377-383.
- MONIZ, Egas. (1921). «O Conflito Sexual». Lisboa: Portugal Médico, 3.ª série, n.º 9, pp. 395-401.
- MONIZ, Egas. (1924). *Júlio Diniz e a Sua Obra*. Lisboa: Ática
- PERRON, Roger. (1998). *História da Psicanálise*. Lisboa: RésEditora.
- SEABRA-DINIS. (1945). Joaquim, *Psicanálise*. Lisboa: Edições Cosmos.

Bibliografia geral de obras de Psicanálise, Psiquiatria, Psicologia e afins publicadas em Português

- AAVV, Revista de Psicanálise. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicanálise.
- AAVV. Assédio, Revista de Psicanálise e Cultura: Fascínios, n.º 1 (1993), Oeiras: Celta.
- AAVV, Página ACF on-line (site da Antena do Campo Freudiano: <http://usuarios.lycos.es/acfportugal/acfportugal>).
- AAVV. Afreudite, Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas (<http://afreudite.ulusofona.pt/>).
- AAVV. Revista Lusófona das Ciências da Mente e do Comportamento, Departamento de Psicologia da ULHT. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- AAVV. Revista Portuguesa de Psicossomática. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicossomática.
- AAVV. *Revista Portuguesa de Grupoanálise*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Grupoanálise.
- AAVV. (2003). *Revista Portuguesa de Filosofia*. Abril-Junho. Volume 59. Fasc. 2.
- AAVV. (1970). *Psicanálise e Sociedade*. Lisboa: Perspectivas.
- AAVV. (1978). *Sexualidade e Poder*. Lisboa: Edições 70.
- AAVV. (1984). *Psicanálise e Cinema*. Lisboa: Relógio d'Água.
- AAVV. (1992). *Esquizofrenia, uma doença ou alguns modos de ser humano?* Lisboa: Caminho.
- AAVV. (1996). *Bion hoje*. Lisboa: Fim de Século.
- AAVV. *Cem anos sobre o sonho: «A injeção dada a Irma» de Sigmund Freud*. Lisboa: Ed. Lusófonas, 1996.
- AAVV. (1994). *Inconsciente, Normal/Anormal*, Enciclopédia Einaudi. Lisboa: INCM, vol 23.
- AAVV. (1999). *Pensar a Escola sob os Olhares da Psicologia*. Porto: Afrontamento.
- AAVV. (2001). *Prevenção das Toxic dependências*. Lisboa: Climepsi.
- AAVV. (2006). *Sigmund Freud, 150 anos depois*. Lisboa: Fenda.

- ABRAHAM, Giorgio (2006). *O Sonho do Século*. Lisboa: Círculo
- ABREU, Pio. (1982). *O Modelo do Psicodrama Moreniano*. Coimbra: Ed Psiquiatria Clínica.
- AFONSO, Pedro. (2002). *Esquizofrenia*. Lisboa: Climepsi.
- AITCHISON, J. (2002). *O Mamífero Articulado. Uma introdução à psicolinguística*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ALVES, José. (1998). *Ética e Psicanálise, a Coisa, o Desejo e a Lei* (tese de doutoramento da Universidade do Minho-Braga).
- ALMEIDA, J.M. Caldas de. «Relação com a Pessoa ao Nível da Prevenção Primária». Lisboa: Hospital Miguel Bombarda.
- ANAUT, Marie. (S/D). *A Resiliência. Ultrapassar os Traumatismos*. Lisboa: Climepsi.
- ANDREASON, Nancy. (S/D). *Admirável Cérebro Novo. Dominar a Doença Mental na Era da do Genoma*. Lisboa: Climepsi.
- ANTUNES, Lobo. (1977). «Atitude grupanalítica em Consulta Externa com Articulação Hospitalar» in *Grupanalise*, nº 2, Lisboa.
- ANTUNES, Lobo; DIAS, M.I. Silva. (1974). «Loucura e Criação Artística: Angelo de Lima, Poeta de Orfeu». Lisboa: Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria.
- ANTUNES, Lobo; SAMPAIO, Daniel. (1976). *Alice no País das Maravilhas ou a Esquizofrenia Esconjurada*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria.
- ALMEIDA, J.M. Caldas de. *Matriz Sociocultural da Doença Mental*, Lisboa: Hospital Miguel Bombarda.
- ANZIEU, Didier. (1990). *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Lisboa: Edições 70.
- ALVES, José Manuel. (1988). *Ética e Psicanálise, a Coisa, o Desejo e a Lei* (Braga: Tese de doutoramento da Universidade do Minho).
- ARONSON, E. (2002). *O Animal Social*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ASSOCIATION, American Psychiatric. (S/D). *DSM-IV-TR. Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi.
- ASSOUN, Paul-Laurent. (2000). *Metapsicologia*. Lisboa: Climepsi.
- BALINT, Ednid; NORELL, J. (S/D). *Seis Minutos para o Doente*. Lisboa: Climepsi.
- BARRACLOUGH, Jennifer; GILL, David. (S/D). *Bases da Psiquiatria Moderna*. Lisboa: Climepsi.
- BARROS, Luísa. (S/D). *Psicologia Pediátrica*. Lisboa: Climepsi.
- BARROS, Luísa. (S/D). *Perturbações da Eliminação na Infância e na Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- BATEMAN, Anthony; BROWN, Dennis; PEDDER, Jonathan. (S/D). *Princípios e Prática das Psicoterapias*. Lisboa: Climepsi.
- BATEMAN, Anthony; HOLMES, J. (1998). *Introdução à Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- BATESON, G. (1987). *Natureza e Espírito*. Lisboa: Dom Quixote.
- BATESON, G. (1996). *Metadiálogos*. Lisboa: Gradiva.
- BALINT, Michael. (2001). *O Médico, o seu Doente e a Doença*. Lisboa: Climepsi.
- BÉGOIN, Jean. (2005). *Do traumatismo do nascimento à emoção estética*. Lisboa: Fenda.
- BELO, Maria. (1999). *Preto e branco: De como os portugueses expressaram a estrutura da sua cultura nas modalidades do seu relacionamento com os africanos*, (tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, Departamento de Estudos Portugueses)
- BENNET, Paul. (S/D). *Introdução Clínica à Psicologia da Saúde*. Lisboa: Climepsi.

III - QUAIS SÃO OS "EPITEMAS-PARADIGMAS PRIMORDIAIS" DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO? 679

- BENNET, Paul; MURPHY, Simon. (1999). *Psicologia e Promoção da Saúde*. Lisboa: Climepsi.
- BÉNONY, H. (S/D). *O Exame Psicológico e Clínico do Adolescente*. Lisboa: Climepsi.
- BÉNONY, H. (S/D). *O Desenvolvimento da Criança e as suas Psicopatologias*. Lisboa: Climepsi.
- BÉNONY, H; CHAHRAOUI, K. (S/D). *A Entrevista Clínica*. Lisboa: Climepsi.
- BÉRESNIAK, Ariel; DURU, Gérard. (1999). *Economia da Saúde*. Lisboa: Climepsi.
- BERGER, Maurice. (S/D). *A Criança e o Sofrimento de Separação*. Lisboa: Climepsi.
- BERGERET, Jean. (2000). *A Personalidade Normal e Patológica*. Lisboa: Climepsi.
- BERGERET, Jean; Wilfrid, Reid. (1991). *Narcisismo e Estados-Limite*. Lisboa: Climepsi.
- BERGERET, Jean. (2002). *Psicologia Patológica*. Lisboa: Climepsi.
- BERMÚDEZ, J. (2000). *O Paradoxo da Autoconsciência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BERNAUD, Jean-Luc. (S/D). *Métodos de Avaliação da Personalidade*. Lisboa: Climepsi.
- BLÉANDONU, Gérard (Org). (1999). *Apoio Psicológico aos Pais*. Lisboa: Climepsi.
- BLÉANDONU, Gérard, (2000). *Consultas Terapêuticas Pais-Filhos*. Lisboa: Climepsi.
- BLOCH, S. (S/D). *Introdução às Psicoterapias*. Lisboa: Climepsi.
- BOEKHOLT, Monika. (S/D). *Provas Temáticas na Clínica Infantil*. Lisboa: Climepsi.
- BORN, Michel. (S/D). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi.
- BOTTTERIL, G; CARRUTHERS, P. (2004). *A Filosofia da Psicologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BOUBLI, M. (S/D). *Psicopatologia da Criança*. Lisboa: Climepsi.
- BOURGOIS, Marc-Louis. (2001). *Anedonia, o não prazer e a psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.
- BRABANT G. PH. (1973). *Para um Conhecimento da Psicanálise*. Lisboa: Edições Assírio e Alvim.
- BRACONNIER, Alain. (1998). *O Sexo das Emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BRACONNIER, Alain; MARCELLI, Daniel. (2000). *As Mil Faces da Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- BRACONNIER, Alain. (2002). *Psicologia Dinâmica e Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- BRAUNSTEIN, Jean-Francoise; PEWZNER, Évelyne. (2004). *História da Psicologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BRAZELTON, T. Berry; CRAMER, Bertrand G; (2000). *A relação mais precoce, os pais, os bebés e a interacção precoce*. Lisboa: Terramar.
- BUHLER, Charlotte. (S/D). *A Psicologia na Vida do nosso Tempo*. Lisboa: Edições Gulbenkian.
- BURGEAIS, Marc-Louis. (S/D). *Anedonia, o Não Prazer e a Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.
- BUSER, P. (2000). *Cérebro de Si, Cérebro do Outro. Neurobiologia, Consciência e Inconsciente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CABRAL, Maria de Fátima Sarsfield. (1998). *Pensar a Emoção*. Lisboa: Fim de Século.
- CAPELLÁ, A. (S/D). *Sexualidades Humanas, Amor e Loucura*. Lisboa: Climepsi.
- CARDOSO e CUNHA, Brigitte. (1981). *Psicanálise e Estruturalismo*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- CARDOSO, Carlos. (S/D). *Os Caminhos da Esquizofrenia*. Lisboa: Climepsi.
- CARREIRA, Maria Antónia. (1996). *As Musas Inquietantes*. Lisboa: ISPA.
- CAILLÉ, Philippe; REY, Yveline. (2003). *Os Objectos Flutuantes*. Lisboa: Climepsi.
- CARDOSO, Carlos Mota. (2000). *Caminhos da Esquizofrenia*. Lisboa: Climepsi.

- CASTLE, David; MCGRATH, John; KULKARR, Jayashri (S/D). *As mulheres e a Esquizofrenia*. Lisboa: Climepsi.
- CASTRO, Armando. (1976). *A Epistemologia das Ciências do Homem e as suas Relações com a Psicologia*. Lisboa: Edições Assírio e Alvim.
- CECCATTY, M. (1996). *Comunicações Celulares e Comunicações Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CERCEAU, F; LÉNA, P; SCHNEIDER, J. (2004). *Na Senda dos Seres Vivos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CHABERT, Catherine. (1993). *O Rorschach na Clínica do Adulto. Interpretação Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- CHABERT, Catherine. (2002). *A Psicopatologia à Prova do Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- CHANGEUX, J. (1985). *O Homem Neuronal*. Lisboa: Dom Quixote.
- CHANGEUX, J; CONNES, A. (S/D). *Matéria Pensante*. Lisboa: Edições Gradiva.
- CHAUVIN, R. (2002). *O Homem, o Símio e a Ave*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CHBANI, Hafsa; PÉREZ-SÁNCHEZ, Manuel. (S/D). *O Quotidiano e o Inconsciente*. Lisboa: Climepsi.
- CLAUDIO, V (ed). (1998). *Psicologia e Ética*. Lisboa: ISPA.
- CID, J. Sobral. (1973). *Apontamentos de Psiquiatria*. Lisboa: HMB.
- CICCONI, Albert. (S/D). *Observação Clínica*. Lisboa: Climepsi.
- COHEN-SOLAL, J; GOLSE, B. (2002). *No início da vida psíquica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CORDO, Margarida. (S/D). *Reabilitação de Pessoas com Doença Mental*. Lisboa: Climepsi.
- CORTESÃO, Eduardo Luís. (1960). «Introdução à Psicanálise» in Apontamentos de Psicologia Médica. Lisboa: Comissão Pró-Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa.
- CORTESÃO, Eduardo Luís. (1989). *Grupanálise, Teoria e Técnica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CORTESÃO, Eduardo Luís. (2005). *Um Psiquiatra na Revolução*. Lisboa: Climepsi.
- CHERTOK, L. (1990). *O Hipnotismo*. Mem Martins: Europa-América.
- CRICK, F. (1998). *A Hipótese Espantosa – Busca Científica da Alma*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CUNHA Leão. (1997). *Ensaio de Psicologia Portuguesa*. Lisboa: Guimarães Editores.
- CURADO, Vasco. (2000). *Sonho, Delírio e Linguagem*. Lisboa: Fim de Século.
- CYRULNIK, Boris. (1994). *A Memória de Macaco e Palavras de Homem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CYRULNIK, Boris. (1995). *Sob o Signo do Afecto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CYRULNIK, Boris. (1995). *Nutrir os Afectos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CYRULNIK, Boris. (1995). *O Nascimento do Sentido*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DACO, P. (S/D). *As Prodigiosas Vitórias da Psicologia Moderna*. Lisboa: Edições Portugália.
- DALERY, J; d'AMATO; T. (S/D). *A Esquizofrenia. Investigações Actuais e Perspectivas*. Lisboa: Climepsi.
- DAMÁSIO, A. (1994). *O Erro de Descartes*. Mem Martins: Europa-América, 1994.
- DAMÁSIO, A. (2000). *O Sentimento de Si*. Mem Martins: Europa-América.
- DAMÁSIO, A. (2003). *À Procura de Espinoza*. Mem Martins: Europa-América.
- DANCHIN, A. (2000). *A Decifração Genética. O que o texto dos genomas revela*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DEBRAY, Quentin. (S/D). *As Personalidades Patológicas*. Lisboa: Climepsi.

III - QUAIS SÃO OS "EPISTEMAS-PARADIGMAS PRIMORDIAIS" DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO? 681

- DEBRAY-RITZEN, Pierre. (1993). *A Psicanálise essa Impostura*. Lisboa, Editorial Notícias, 1993.
- DELIASSUS, Jean-Marie. (2002). *O Génio do Feto. Vida pré-natal e origem do homem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (1985). *O Anti-Édipo, Capitalismo e Esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- DENTON, M. (2000). *A Evolução terá sentido*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DIAS, Carlos Amaral. (1979). *O que se Mexe a Parar*. Porto: Afrontamento.
- DIAS, Carlos Amaral. (1983). *Espaço e Relação Terapêutica*. Coimbra: Coimbra Editora.
- DIAS, Carlos Amaral; NUNES VICENTE, Tereza. (1984). *A Depressão no Adolescente*. Porto: Afrontamento.
- DIAS, Carlos Amaral. (1986). *Motivação e Aprendizagem*. Porto: Contraponto.
- DIAS, Carlos Amaral. (1988). *Para um Psicanálise da Relação*. Porto: Afrontamento.
- DIAS, Carlos Amaral; Monteiro, João Sousa. (1989). *Eu já Posso Imaginar que Faço*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- DIAS, Carlos Amaral. (1991). *Ali-Babá, Dogra, Uma Neurose Diabólica do Século Vinte*. Lisboa: Escher.
- DIAS, Carlos Amaral. (1992). *Aventuras de Ali-Babá nos Túmulos de Ur*. Lisboa: Fenda.
- DIAS, Carlos Amaral. (1993). *Só Deus em Mim se Opõe a Deus*. Lisboa: Fenda.
- DIAS, Carlos Amaral. (1993). *Palcos do Imaginário*. Lisboa: Fenda.
- DIAS, Carlos Amaral. (1994). *(A) Re-Pensar*. Porto: Afrontamento.
- DIAS, Carlos Amaral. (1995). *Ascensão e Queda dos Toxicoterapêutas*. Lisboa: Fenda.
- DIAS, Carlos Amaral; Alves, Fernando. (1995). *Avenida de Ceuta nº1*. Lisboa: Relógio de Água.
- DIAS, Carlos Amaral. (1997). *Tabela para uma Nebulosa*. Lisboa: Fim de Século.
- DIAS, Carlos Amaral; FLEMMING, Manuela. (1998). *A Psicanálise em Tempo de Mudança*. Porto: Afrontamento.
- DIAS, Carlos Amaral. (2000). *Volto Já*. Lisboa: Fim de Século.
- DIAS, Carlos Amaral. (2000). *Freud Para Além de Freud*. Lisboa: Fim de Século.
- DIAS, Carlos Amaral. (2000). *Costurando as Linhas da Psicopatologia Borderline (Estados-Limite)*. Lisboa, Climepsi.
- DIAS, Carlos Amaral. (2003). *Modelos de interpretação em Psicanálise*. Coimbra: Almedina.
- DIAS, Carlos Amaral. (2004). *Um Psicanalista no Expresso do Ocidente*. Lisboa: Expresso.
- DIAS, Carlos Amaral. (2005). *Terrorismo e Multiculturalismo*. Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- DIAS, M; DURÁ, E. (S/D). *Territórios da Psicologia Oncológica*. Lisboa: Climepsi.
- DIATKINE, R. (1996). *A Criança no adulto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DILTHEY, Wilhem. (2002). *Psicologia e Compreensão*. Lisboa: Edições 70.
- DINIS, João Seabra. (1993). *Este meu Filho que eu não tive, A Adopção e os seus Problemas*. Porto: Afrontamento.
- DOISE, W; MUGNY, G. (2002). *Psicologia Social e Desenvolvimento Humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DOLTO, F. (1986) *Psicanálise de Crianças*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- DOLTO, Françoise. (1993). *No Jogo do Desejo*. Lisboa: Relógio D'Água.
- DOLTO, Françoise. (S/D). *Psicanálise e Pediatria*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- DORON, Roland. (1979). *Elementos de Psicanálise*. Lisboa: Estampa.

- DUBOIS, Daniel. (1994). *O Labirinto da Inteligência. Da inteligência Natural à inteliguência fractal*. Lisboa: Instituto Piaget.
- DUCROCQ, A. (2000). *O Espírito e a Neurociência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ECCLES, J. (1995). *A Evolução do Cérebro. A Criação do Eu*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ECCLES, J. (2000). *Cérebro e Consciência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- EDELMAN, G. (1995). *Biologia da Consciência. As raízes do pensamento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- EIGUER, Alberto. (2001). *Pequeno Tratado das Perversões Morais*. Lisboa: Climepsi.
- ESTANQUEIRO ROCHA, Acílio. (1988). *Problemática do Estruturalismo. Linguagem, Estrutura e Conhecimento*. Lisboa: INIC (tese de doutoramento da Universidade Paris I, Sorbonne);
- EYSENK, H. J. (1968). *Factos e mitos da Psicologia*. Lisboa: Editora Ulisseia.
- EYSENK, H. J. (1987). *Verdades e mentiras da Psicologia*. Lisboa: Editora Ulisseia.
- FADEM, Barbara; SIMRING, Steven. (S/D). *Auto-Avaliação em Psiquiatria*. Lisboa: Climepsi.
- FAUMAN, M. (S/D). *Guia de Estudo para o DSM-IV-TR*. Lisboa: Climepsi.
- FÁVERO, M. (S/D). *Sexualidade Infantil e Abusos Sexuais a Menores*. Lisboa: Climepsi.
- FERREIRA, Teresa. (2002). *Em defesa da criança, teoria e prática psicanalítica da infância*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- FERNANDES, Barahona. (1979). «Psiquiatria Social. Modelo Antropológico-Médico da Doença Mental». Porto: Acta Méd, 2:251., 1979.
- FIGUEIREDO, Eurico. (1973). *O Chapéu Reclame de Cigarros*. Porto: Afrontamento.
- FIGUEIREDO, Eurico. (1991). *Psicanálise da Saudade*. Lisboa: O Jornal.
- FLEMING, Manuela. (1993). *Adolescência e Autonomia, O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*, Porto: Afrontamento.
- FLORES, Teresa. (S/D). *Narcisismos e Feminilidade*. Lisboa: Climepsi.
- FONSECA, A. Fernandes. (1988). *Psiquiatria e Psicopatologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FONSECA, A. Fernandes. (1990). *A Psicologia da Criatividade*, Lisboa: Escher.
- FONSECA, J. Simões. (1966). *Neuronal Models*. Lisboa: Centro de Estudos Egas Moniz, Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina.
- FONTAINE, Roger. (S/D). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.
- FORDHAM, Frieda. (1972). *Introdução à psicologia de Jung*. Lisboa: Editora Ulisseia.
- FRANCIS, R. (2004). *Ética para os Psicólogos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- FRANCES, Allen; ROSS, Ruth. (S/D). *Casos Clínicos: DSM-IV-TR – Guia para o Diagnóstico Diferencial*. Lisboa: Climepsi.
- FRANCIS, R. (2004). *Ética para Psicólogos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- FREEMAN, Frank. S. (1974). *Teorias e Práticas dos testes psicológicos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FROMM, Erich. (1999). *Ter ou Ser*. Lisboa: Editorial Presença.
- FULLER, Peter. (1983). *Arte e Psicanálise*. Lisboa: Dom Quixote.
- GAMEIRO, José. (1992). *Voando sobre a Psiquiatria, Análise Epistemológica da Psiquiatria Contemporânea*. Porto: Afrontamento.
- GAMEIRO, Aires. (1993). *Pastoral e Ética em Psiquiatria*. Lisboa: Editorial Hospitalidade.
- GARRABÉ, Jean. (S/D). *História da Esquizofrenia*. Lisboa: Climepsi.
- GAZZANIGA, M. (1995). *O Cérebro Social*. Lisboa: Piaget.

III - QUAIS SÃO OS "EPITEMAS-PARADIGMAS PRIMORDIAIS" DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO? 683

- GAZZANIGA, M. (1996). *O Espírito Natural. As raízes biológicas do pensamento, das Emoções, da sexualidade, da linguagem e da Inteligência*.
- GAZZANIGA, M. (2000). *O Passado da Mente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- GIBELLO, Bernard. (S/D). *A Criança com Perturbações de Inteligência*. Lisboa: Climepsi.
- GIBELLO, Bernard. (1999). *O Pensamento Incontido*. Lisboa: Climepsi.
- GILLIÉRON, Edmond. (S/D). *Manual de Psicoterapias Breves*. Lisboa: Climepsi.
- GILLIÉRON, Edmond. (2001). *A Primeira Entrevista em Psicoterapia*. Lisboa: Climepsi.
- GODINHO, António; FERREIRA, Amorim; FERNANDES, Barahona, POLÓNIO, Pedro. (1980). *Projecção Social da Saúde Mental*. Lisboa. Faculdade de Medicina, Aula Máxima, II Sessão Plenária.
- GOLDBERG, D; HUXLEY, Peter. (S/D). *Perturbações Mentais Comuns*. Lisboa: Climepsi.
- GOLSE, Bernard. (2001). *Insistir-Existir, do Ser à Pessoa*. Lisboa: Climepsi.
- GOMEZ, L. (S/D). *Uma Introdução às Relações de Objecto*. Lisboa: Climepsi.
- GONÇALVES, Luisa; RODRIGUES, Victor Amorim. (1997). *A Banha da Cobra? Ensaio sobre a Prática Psiquiátrica Contemporânea*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- GONÇALVES, Óscar. (1993). *Terapias Cognitivas: Teorias e Práticas*, Porto: Afrontamento.
- GONÇALVES, Óscar. (1999). *Introdução às Psicoterapias Comportamentais*. Coimbra: Quarteto.
- GLASERSFELD, Ernst. (1996). *Construtivismo Radical*. Lisboa: Instituto Piaget.
- GLEITMAN, Henry. (1993). *Psicologia*. Lisboa: Gulbenkian.
- GOLSE, Bernard. (S/D). *Do Corpo ao Pensamento*. Lisboa: Climepsi.
- GOUEIRA, José; CARVALHO, Serafim; FONSECA, Lígia. (S/D). *Pânico - Da Compreensão ao Tratamento*. Lisboa: Climepsi.
- GRAZIANI, P. (S/D). *Ansiedade e Perturbações da Ansiedade*. Lisboa: Climepsi.
- GREEN, André. (S/D). *As cadeias de Eros*. Lisboa: Climepsi.
- GREEN, André. (2000). *As cadeias de Eros, Actualidade do sexual*. Lisboa: Climepsi.
- GREENBERG, Jay; MITCHELL, Stephen. (S/D). *Relação de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- GRINBERG, León; GRINBERG, R. (1998). *Identidade e Mudança*. Lisboa: Climepsi.
- GRINBERG, León. (2000). *Culpa e Depressão*, Lisboa: Climepsi.
- GRINBERG, León. (2001). *Migração e Exílio-Estudo Psicanalítico*. Lisboa: Climepsi.
- GRINBERG, León. (1999). *Teoria da Identificação*. Lisboa: Climepsi.
- GROTSTEIN, James. (1999). *O Buraco Negro*. Lisboa: Climepsi.
- GUEDENEY, Nicole; GUEDENEY, Antoine. (S/D). *Vinculação*. Lisboa: Climepsi.
- GUÉGUEN, N. (S/D). *Manual de Estatística para os Psicólogos*. Lisboa: Climepsi.
- GUENICHE, K. (S/D). *Psicopatologia Descritiva e Interpretativa da Criança*. Lisboa: Climepsi.
- GUERRA, Marina Prista. (1998). *SIDA, Implicações Psicológicas*, Lisboa: Fim de Século.
- GUIBELLO, B. (1999). *O Pensamento Incontido*. Lisboa: Climepsi.
- GUIBELLO, B. (S/D). *A Criança com Perturbações Alimentares*. Lisboa: Climepsi.
- GUICHARD, J; HUTEAU, M. (2002). *Psicologia da Orientação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- GUILLEVIC, C; VAUTIER, S. (S/D). *Diagnóstico e Testes Psicológicos*. Lisboa: Climepsi.
- GUILLIÉRON, Edmond. (S/D). *Manual de Psicoterapias Breves*. Lisboa: Climepsi.
- GUIMARÃES LOPES, R. (1993). *Clínica Psicopedagógica*. Porto: HCF.
- GUIMARÃES LOPES, R; MOTA, V.; SANTOS, C. A. (1996). *Escolha de Si Próprio*. Porto: HCF.
- GUIMÓN, J. (S/D). *Introdução às Terapias de Grupo*. Lisboa: Climepsi.

- HABIB, Michel. (S/D). *Bases Neurológicas dos Comportamentos*. Lisboa: Climepsi.
- HALLSTROM, Cosmo; MCCLURE, Nicola. (2000). *Ansiedade e Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- HANSENNE, Michel. (S/D). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi.
- HARRISON, P; GEDDES, J; SHARPE, M. (S/D). *Introdução à Psiquiatria*. Lisboa: Climepsi.
- HOBSON, J.A. (1996). *O Cérebro Sonhador*. Lisboa: Piaget.
- IMBASCATI, A. (S/D). *Nascimento e Construção da Mente*. Lisboa: Climepsi.
- INHELDER, B; CELLÉRIER, G. (1996). *O Percurso das Descobertas da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ISRAEL, L. (1998). *Cérebro Direito, Cérebro Esquerdo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- JÁUREGUI, J.A. (2001). *Cérebro e Emoções*. Lisboa: Dinalivro.
- JEANNEROD, M. (2000). *Sobre a fisiologia mental*. Lisboa: Instituto Piaget.
- JEANNEROD, M (2004). *A Natureza da Mente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- JENKINS, Rachel; NEWTON, Jennifer; YOUNG, Robyn. (S/D). *A Prevenção da Depressão e da Ansiedade*. Lisboa: Climepsi.
- JONES, Ernest. (1977). *Que é a Psicanálise?* Lisboa: D. Quixote.
- JOUVET, M. (1995). *O Sono e o Sonho*. Lisboa: Instituto Piaget.
- JOUVET, M, (2001). *Porque Sonhamos? Porque Dormimos?* Lisboa: Instituto Piaget.
- JUNG, Carl. (1975). *Homem à Descoberta da sua Alma*. Porto: Tavares Martins.
- KAES, René. (S/D). *As Teorias Psicanalíticas do Grupo*. Lisboa: Climepsi.
- KIERKEGAARD, S. (1962). *O Desespero Humano*. Porto: Edições Tavares Martins.
- KIERKEGAARD, S. (1962). *O Conceito de Angústia*. Lisboa: Edições Presença.
- KRAEPLIN, Emil. (S/D). *A Demência Precoce – 1ª Parte*. Lisboa: Climepsi.
- KRAEPLIN, Emil. (S/D). *A Demência Precoce e Parafrenias – 2ª Parte*. Lisboa: Climepsi.
- KRISTEVA, J. (S/D). *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70.
- LAGACHE, Daniel. (1978). *A unidade da psicologia*. Lisboa: Edições 70.
- LAPLANCHE, Jean. (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. Lisboa: Edições 70.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. (1990). *Vocabulário da Psicanálise*, Lisboa: Presença.
- LAUFER, Moses. (2000). *O Adolescente Suicida*. Lisboa: Climepsi.
- LAVIE, Peretz. (S/D). *O Mundo Encantado do Sono*. Lisboa: Climepsi.
- LEAL, Isabel. (1999). *Entrevista Clínica e Psicoterapia de Apoio*, Lisboa: ISPA.
- LEAL, Maria Rita Mendes. (2003), *A Psicoterapia como Aprendizagem*, Lisboa: Fim de Século.
- LEAL, Isabel (Org). (2005), *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de Século.
- LECLAIRE, Serge. (1977). *Desmascarar o real*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- LEVAY, Simon. (1999). *Sexualidade e Cérebro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LOURENÇO, Eduardo. (1982). *O Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- LOW, B. (2002). *Sexo e Comportamento Humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LUZES, Pedro. (1977). *Cem anos de Psicanálise*. Lisboa: ISPA.
- LUZES, Pedro. (2001). *Sob o Manto Diáfano do Realismo*. Lisboa: Fim de Século.
- LUZES, Pedro. (2004). *Da Emoção ao Pensamento*. Lisboa: Fenda.
- MACEDO, Maria. (1997). *O Problema da Novidade Cognitiva na Epistemologia de Jean Piaget*. Lisboa: Instituto Piaget.

III - QUAIS SÃO OS "EPITEMAS-PARADIGMAS PRIMORDIAIS" DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO? 685

- MACLNTYRE, A. C. (1979). *O Inconsciente, uma análise conceptual*. Lisboa: Presença.
- MACLNTYRE, Alasdair. (1979). *O Inconsciente. Uma análise conceptual*, Lisboa: Presença.
- MACKAY, W. (1999). *Neurofisiologia sem lágrimas*. Lisboa: Gulbenkian
- MALPIQUE, Celeste. (1990). *A Ausência do Pai*. Porto: Afrontamento.
- MALPIQUE, Celeste. (1977). *Pais/Filhos em Consulta Psicoterapêutica*. Porto: Afrontamento.
- MALPIQUE, Celeste. (2000). *O Fantástico Mundo de Alice*. Lisboa: Climepsi.
- MANCIA, Mauro. (1991). *O Sonho como Religião da Mente*. Lisboa: Escher-
- MANCIA, Mauro. (1990). *No Olhar de Narciso*. Lisboa: Escher.
- MANNONI, Maud. (1978). *O Psiquiatra, o seu «Louco» e a Psicanálise*. Porto: Afrontamento.
- MANNONI, Octave. (1990). *Freud. Introdução à psicanálise*. Mem-Martins: Europa-América.
- MARCELLI, D. (S/D). *Infância e Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.
- MARCELLI, D. (S/D). *Os Estados Depressivos na Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- MARCELLI, D; BRACONNIER, A. (S/D). *Adolescência e Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.
- MARQUES, Maria Emília. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- MARTINET, M. (1981). *Teoria das emoções*. Lisboa: Moraes.
- MARTINHO, José. (1977). *A minha Psicanálise*. Lisboa: Fim de Século.
- MARTINHO, José. (1999). *Ditos, conferências psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século.
- MARTINHO, José. (2003). *Ditos II, conferências psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século.
- MARTINHO, José. (2005). *Ditos III, conferências psicanalíticas*. Lisboa: Fim de Século.
- MARTINHO, José. (2001). *Freud & Co*. Coimbra: Almedina.
- MARTINHO, José. (1999). *Gozo*. Lisboa: Fim de Século.
- MARTINHO, José. (1990). *O que é um pai?* Lisboa: Assírio & Alvim.
- MARTINHO, José. (2001). *Pessoa e a Psicanálise*. Coimbra: Almedina.
- MARTINHO, José Organização e Prefácio. (1986). *Joyce, o Sintoma*. Coimbra: Escher, 1986.
- MARTINHO, José. (1989). Organização e Prefácio de: *Lacan: Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MARTINHO, José. (1991). Organização e Posfácio de Freud: *Esquecimento e Fantasma*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MARTINHO, José. (2003). Organização e Prefácio de: *Facetas da Psicanálise*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- MARTINHO, José. (2004). *Persona, Uma introdução às teorias da personalidade*, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- MARTINHO, José. (1988). «À Vitória pela Derrota» in *Análise Psicológica*. Lisboa: ISPA.
- MARTINHO, José. (1988). «Em Nome de Nad» in *Falo* n.º 1, Bahia: Fator.
- MARTINHO, José. (1988). «Psicanálise e Pós-Modernismo» in *Revista de Comunicação e Linguagem* n.º 6/7. Lisboa: UNL.
- MARTINHO, José. (1999). «A Santa Phala» in *A Phala*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MARTINHO, José. (1990). «Um Pai sempre Incerto» in *A Phala*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MARTINHO, José. (1992). «O Falo, a Falta e a Fala» in *Revista da Sociedade Portuguesa de Psicanálise* n.º 10. Porto: Afrontamento.
- MARTINHO, José. (1993). «Um Confronto com a Sua Verdade» in *Circulação Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.

- MARTINHO, José. (1993). «Sintoma e Criação» in Actas do 1º Encontro de Psiquiatria do Hospital do Lorrvão. Coimbra: HL.
- MARTINHO, José. (1993). «Odor di femina» in Vértice n.º 56. Lisboa.
- MARTINHO, José. (1994). «Psicanálise e Surrealismo: O mal-entendido» in Catálogo da exposição «As tentações de Bosch ou o Eterno Retorno». Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.
- MARTINHO, José. (1994). «A Mulher De Luto/ The Woman in Mourning» in Catálogo da Exposição «Do Sublime». Lisboa: Museu do Chiado.
- MARTINHO, José. (1995). «O Estado das Coisas» in Vértice n.º 69. Lisboa.
- MARTINHO, José. (1996). «Como não Perder o Norte da Descoberta de Freud» in Actas das 1as. Jornadas do CEP. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- MATOS, António Coimbra. (1978). *Escritos*. Lisboa: Sedoxil
- MATOS, António Coimbra. (2001). *A Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, António Coimbra. (2002). *O Desespero*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, António Coimbra. (2002). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, António Coimbra. (2002). *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, António Coimbra. (2003). *Mais Amor Menos Doença*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, António Coimbra. (2004). *Saúde Mental*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, Manuel. (2005). *Adolescência, Representação e Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- MATOS, Manuel; BRAGANÇA, Miguel; SOUSA, Rui. (S/D). *Esquizofrenia de A a Z*. Lisboa: Climepsi.
- MCWILLIAMS, N. (S/D). *Diagnóstico Psicanalítico*. Lisboa: Climepsi.
- MCWILLIAMS, N. (S/D). *Formulação Psicanalítica de Casos*. Lisboa: Climepsi.
- MÉNÉCHAL, J. (S/D). *Introdução à Psicopatologia*. Lisboa: Climepsi.
- MEHLER, J; DUPOUX, E. (1994). *Nascer Humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MIALARET, G. (2001). *Psicologia da Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MIERMONT, Jacques. (1996). *Ecologia das Relações Afectivas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MIJOLLA, Alain de; MIJOLLA-MELLOR, Sophie. (2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- MILHEIRO, Jaime. (2000). *Loucos são os Outros*, Lisboa: Fim de Século.
- MILHEIRO, Jaime. (2001). *Sexualidade e Psicossomática*, Coimbra: Almedina.
- MILHEIRO, Jaime. (2003). *Adão e Eva no Deserto, um olhar psicanalítico*, Lisboa: Climepsi.
- MONDIMOR, Francis. (2001). *Perturbação Bipolar*, Lisboa: Climepsi.
- MONTAGNER, Hubert. (1993). *A Vinculação - A Aurora da Ternura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MONTAGNER, Hubert. (1996). *A Criança Actor do seu Desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MONTGOMERY, Stuart. (2000). *Ansiedade e Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- MULDWOLF, Bernard. (1978). *Freud*. Lisboa: Moraes
- NAVA, Ana. (S/D). *O Cérebro Apanhado em Flagrante*. Lisboa: Climepsi.
- NAVELET, C; GUÉRIN-CARNELLE, B. (2002). *Os Psicólogos nas Instituições*. Lisboa: Instituto Piaget.
- NINIO, Jacques. (1994). *A impregnação dos sentidos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- OATLEY, E; JENKINS, J. (2002). *Compreender as Emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.
- OBLER, L; GJERLOW, K. (2002). *A Linguagem e o Cérebro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- OGDEN, Jane. (2000). *Psicologia da Saúde*. Lisboa: Climespsi.
- OLIVEIRA, J. (2002). *Freud e Piaget*. Lisboa: Instituto Piaget.

III - QUAIS SÃO OS "EPITEMAS-PARADIGMAS PRIMORDIAIS" DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO? 687

- ORBACH, Susie, EICHENBAUM, Luise (2004). *O Que Querem as Mulheres?* Lisboa: Sinais de Fogo - Publicações
- ORNELAS, J (Ed). (2000). *Participação dos Cidadãos e Acção Comunitária. Estratégias de Intervenção, Investigação e Empowerment.* Lisboa: ISPA.
- OTTAVI, D. (2004). *De Darwin a Piaget.* Lisboa: Instituto Piaget.
- OZONOFF, Sally; ROGERS, Sally; HENDREN, Robert. (S/D). *Perturbações do Espectro do Autismo.* Lisboa: Instituto Piaget.
- PACHECO, José; GAMITO, Luís. (1993). *O Sexo é de Todas as Idades,* Lisboa: Caminho.
- PAIS RIBEIRO, José Luís. (1999). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde.* Lisboa: Climepsi.
- PAIS RIBEIRO, José Luís. (2001). *Investigação e Avaliação em Psicologia.* Lisboa: Climepsi.
- PARKES, Collin; LAUNGANI, Pittu; YOUNG Bill. (S/D). *Morte e Luto através das Culturas.* Lisboa: Climepsi.
- PAÚL, Constança; FONSECA, António. (S/D). *Psicossociologia da Saúde.* Lisboa: Climepsi.
- PAÚL, Constança; MARTIN, Ignácio; ROSEIRA, Luís. (1998). *Comunidade e Saúde. Porto: Afrontamento.*
- PEDINIELLI, Jean-Louis; BERTAGNE, Pascale. (S/D). *As Neuroses.* Lisboa: Climepsi.
- PEDINIELLI, Jean-Louis. (1994). *Introdução à Psicologia Clínica.* Lisboa: Climepsi.
- PÉLECIER, Yves. (1992). *Os Caminhos da Psiquiatria,* Lisboa: Escher.
- PEREIRA, F. (1995). *Dinâmicas da Subjectividade,* Lisboa: ISPA.
- PEREIRA, F. (1999). *Sonhar ainda.* Lisboa: ISPA.
- PEREIRA, Maria; MONTEIRO-FERREIRA, João (Coordenadores). (S/D). *Stress Traumático.* Lisboa: Climepsi.
- PERRON, Roger. (1998). *História da Psicanálise.* Lisboa: RésEditora.
- PERROT, E; ROZMUSKI-DREYFUSS, C; STAUFFACHER, M. (S/D). *A Supervisão da Psicoterapia.* Lisboa: Climepsi.
- PENEDA, João. (2005). *Os Paradoxos da Sintoma e da Sublimação, Contributo da Teoria Psicanalítica de Freud e Lacan para a Estética.* Lisboa: tese de doutoramento em ciências da arte/estética da Faculdade das Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- PIAGET, Jean. (1977). *A linguagem e o pensamento da criança.* Lisboa: Moraes.
- PIAGET, Jean. (1964). *Seis Estudos de Psicologia.* Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- PIAGET Jean; CHOMSKY N. (1987). *Teorias da Linguagem, Teorias da Aprendizagem.* Lisboa: Ed.70.
- PIAGET, Jean; GARCIA R. (1987). *Psicogénese e História das Ciências.* Lisboa: Publicações D. Quixote.
- PIAGET, Jean; INHERDER, Bärbel. (1992). *A Psicologia da Criança.* Lisboa: Edições Asa.
- PIERSON, Marie-Louise. (2002). *A Inteligência Relacional.* Lisboa: Instituto Piaget.
- PINHEIRO, C. (S/D). *Criações sobre Leonardo da Vinci. Arte e Psicanálise.* Lisboa: Climepsi.
- POCINHO, Margarida. (2000). *A Música na Relação Mãe-Bebé.* Lisboa: Instituto Piaget.
- POLITZER, Georges. (1975). *Crítica dos Fundamentos da Psicologia I, II,* Lisboa: Presença.
- PRACANA, Clara. (2001). *O Líder Sedutor,* Lisboa: Climepsi.
- PRIEUR, Bernard. (1999). *As Heranças Familiares,* Lisboa: Climepsi.
- PROCHIANTZ, A. (1991). *A Construção do Cérebro.* Lisboa: Terramar.
- PROCHIANTZ, A. (2002). *As Anatomias do Pensamento. Em que pensam as lulas.* Lisboa: Instituto Piaget.

- PSICÓLOGOS, Associação Nacional. (S/D). *A Psicologia na Viragem do Século*. Lisboa: Climepsi.
- PUZZLES, Mensa. (1999). *Teste o seu Q.I.* Lisboa: Replicação.
- RAULIN-CERCEAU. (2004). *Na Senda dos Seres Vivos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ROBERT, J. (1997). *A Aventura dos Neurónios*. Lisboa: Instituto Piaget.
- REICH, Wilhelm. (1972). *O Combate Sexual da Juventude*. Lisboa: Dinalivro.
- REICH, W. (1978). *Psicologia de Massas do Fascismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- REICH, Wilhelm. (1979). *Análise do Carácter*. Lisboa: Dom Quixote.
- REINBERG, A. (2000). *O Tempo Humano e os Ritmos Biológicos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- RELVAS, Ana Paula. (1999). *Conversas com Famílias*, Porto: Afrontamento.
- REVARDEL, Jean-Louis. (1996). *Biologia e Evolução. Constância e fantasia da vida*. Lisboa: Instituto Piaget.
- RIBEIRO, José Luís. (S/D). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. Lisboa: Climepsi.
- RIBEIRO, Luís Sousa. (1994). *Antigos e Novos Ensaio de Gnoseologia Predatória*, Lisboa: Fenda.
- RICHARD, M. (2001). *As Correntes da Psicologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- RICHARDSON, K. (1998). *Compreender a Inteligência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ROBERT, Jacques-Michel (1997). *A Aventura dos Neurónios*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ROBERT, Marthe. (1968). *A Revolução Psicanalítica*. Lisboa: Moraes Editores.
- RODENFIELD, L. (2001). *A Megalomania de Freud*. Mem-Martins: Europa-América.
- ROGERS, C. (1974). *Psicoterapia e Consulta Psicológica*. Lisboa: Edições Moraes.
- ROUDINESCO, Elisabeth. (2001). *Porquê a Psicanálise?* Lisboa: Livros do Brasil.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. (2000). *Dicionário de Psicanálise*, Lisboa: Editorial Inquérito.
- ROUSSET, Jean, (e alli). (1988). *O Mito de D. Juan*. Lisboa: Veja.
- ROSEN, Nicolle (2006). *Martha Freud*. Lisboa: Círculo de Leitores
- SAMPAIO, Daniel; GAMEIRO, José. (1992). *Terapia Familiar*. Porto: Afrontamento.
- SÁ, Eduardo. (1988). *Íntima Idade*. Lisboa: Escher.
- SÁ, Eduardo (Org). (1997). *A Maternidade e o Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- SÁ, Eduardo. (1995). *Más Maneiras de Sermos Bons Pais*. Lisboa: Fim de Século.
- SÁ, Eduardo. (2001). *Psicologia do Feto e do Bebê*. Lisboa: Fim de Século.
- SÁ, Eduardo. (2002). *Adolescentes Somos Nós*. Lisboa: Fim de Século.
- SÁ, Eduardo. (2002). *Patologia Borderline e Psicose na Clínica Infantil*. Lisboa: ISPA.
- Sá, Eduardo. (2003). *Textos com Psicanálise*. Lisboa: Fim de Século
- SÁ, Filipe. (2002). *Psicoterapia Analítica de Grupo com Crianças*. Lisboa: Climepsi.
- SACKS, Olivier. (1985). *O homem que confundiu a mulher com um chapéu*. Lisboa: Relógio d'Água.
- SANTOS, João dos. (1983). *A Neurose de Angústia*. Mem-Martins: Europa-América.
- SANTOS, João dos. (1988). *Se Não Sabe Porque é que Pergunta*, Conversas com João Sousa Monteiro. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SANTOS, João dos. (1990). *Eu Agora Quero-me ir Embora*, Conversas com João Sousa Monteiro. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SANTOS, João. (2000). *Ensaio sobre a educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SALOMÉ, Lou. (1990). *Eros*. Lisboa: Relógio D'água.
- SALGUEIRO, Emílio. (1996). *Crianças Irrequietas*. Lisboa: ISPA.
- SAMI-ALI. (1987). *Pensar o Somático*. Lisboa: ISPA.
- SCHARFETTER, C. (S/D). *Introdução à Psicopatologia Geral*. Lisboa: Climepsi.

III - QUAIS SÃO OS "EPITEMAS-PARADIGMAS PRIMORDIAIS" DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO? 689

- SEARLE, J. (1998). *A Redescoberta da mente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SHAFFER, H. (2000). *Desenvolvimento Social da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SHAPIRO, E. (S/D). *O Mundo Interno no Mundo Externo*. Lisboa: Climepsi.
- SHENTOU, Vica. (2001). *Manual de Utilização do TAT*. Lisboa: Climepsi.
- SHORTER, Edward. (2001). *Uma História da Psiquiatria*. Lisboa: Climepsi.
- SIEGEL, D. (2004). *A Mente em Desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SIEWERT, Charles. (2004). *O Significado da Consciência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SLATER, A; MUIR, D. (2004). *A Psicologia do Desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SKINNER, Quentin. (1992). *As Ciências Humanas e os seus Grandes Pensadores*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- SMITH, Frank. (1994). *Pensar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SOEIRO, Alfredi Correia. (1991). *Psicodrama e Psicoterapia*. Lisboa: Escher.
- SOUZA E BRITO, Maria João. (2001). *Quem não arrisca não Petisca, uma Interpretação Psicanalítica da Anorexia Nervosa*. Coimbra: Almedina.
- STONE, F.H.; KOUERNIK, C. (1995). *Introdução à Psiquiatria Infantil*. Lisboa: Compendium.
- STRONGMAN, K. (S/D). *A psicologia da Emoção*. Lisboa: Climepsi.
- SUTHERLAND, Peter. (1996). *O Desenvolvimento Cognitivo Actual*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SYMINGTON, Neville. (1999). *A Experiência Analítica*. Lisboa: Climepsi.
- SYMINGTON, Joan; SYGMINGTON, Neville. (S/D). *O Pensamento Clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi.
- TEIXEIRA, José A. Carvalho. (1993). *Psicologia da Saúde e Sida*. Lisboa: ISPA.
- TIJUS, C. (S/D). *Introdução à Psicologia Cognitiva*. Lisboa: Climepsi.
- TODOROV, T. (1979). *Teorias do Símbolo*. Lisboa: Edições 70.
- TRAUBENBERG, Nina; BOIZOU, Marie-France. (S/D). *O Rorschach na Clínica Infantil*. Lisboa: Climepsi.
- TRZEPACZ, Paula; BAKER, Robert. (S/D). *Exame Psiquiátrico do Estado Mental*. Lisboa: Climepsi.
- TRINDADE, Isabel; TEIXEIRA, José. (S/D). *Psicologia nos Cuidados de Saúde Primários*. Lisboa: Climepsi.
- TURNER, J. (2003). *As Origens das Emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VAYER, P; RONCIN, Charles. (1994) *Psicologia Actual e Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VARELA, F. (1994). *Conhecer as Ciências Cognitivas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VARELA, F; THOMPSON, E; ROSCH, E. (2000). *A Mente Corpórea*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VIEIRA, Bracinha. *Psiquiatria e Etologia. Para um Modelo Bio-Comportamental de Psicopatologia* (Dissertação de Doutoramento). Lisboa.
- VICENTE, L; ROSA, C; QUINTAS, S. (1984). *Psicose, Adolescência e Família*. Lisboa: CXV.
- WALON, Henri. (1981). *A Evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70.
- WEBSTER, Richard. (2002). *Freud estava errado. Porquê? - Pecado, Ciência e Psicanálise*. Porto: Campo das Letras.
- WELLS, Adrian. (S/D). *Perturbações Emocionais e Metacognição*. Lisboa: Climepsi.
- WELLS, Adrian; MATTHEWS, Gerald. (S/D). *Atenção e Emoção*. Lisboa: Climepsi.
- WIDLÖCHER, Daniel. (2001). *As Lógicas da Depressão*. Lisboa: Climepsi.

- WILKINSON, Greg; MOORE, Bruce; MOORE, Pascale. (S/D). *Tratar a Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- WILLIAMS, J; WATTES, F; MACLEOD, C; MATHEWS, A. (S/D). *Psicologia Cognitiva e Perturbações Emocionais*. Lisboa: Climepsi.
- WOLPERT, Lewis. (2000). *Psicologia da Depressão*. Lisboa: Editorial Presença.
- YALOM, Irvin D (2005). *Quando Nietzsche Chorou*, Lisboa: Editora Saída de Emergência
- ZAZZO, R; GILLY, M, VERBA-RAD, M. (1976). *Nova Escala Métrica da Inteligência I, II*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ZIZEK, Slavoj (2006). *Bem-Vindo ao Deserto do Real*. Lisboa: Relógio D'Água
- ZIZEK, Slavoj (2006). *Elogio da Intolerância*. Lisboa: Relógio D'Água
- ZIZEK, Slavoj (2006). *A Subjectividade por Vir*. Lisboa: Relógio D'Água
- ZIZEK, Slavoj (2006). *As Metástases do Gozo: Seis Ensaios Sobre a Mulher e a Causalidade*. Lisboa: Relógio D'Água
- ZIZEK, Slavoj (2006). *A Marioneta e o Anão: O Cristianismo entre Perversão e Subversão*. Lisboa: Relógio D'Água.